



Juarez Inácio de Oliveira
Robson Carlos Avi

Descrito pelo escritor e historiador veneziano Giovanni Battista Ramusio, na carta cartográfica, considerado o primeiro mapa do Brasil, publicado em 1556, o rio Itajaí foi chamado de “R.º de labueltus”, rio das Voltas, e se tornou a principal porta de entrada para os exploradores no Vale do Itajaí.

Desde o início da colonização muitos registros históricos indicam a ocorrência de cheias no rio Itajaí e seus afluentes, muitas delas citadas pelos próprios fundadores.

A permanência na Colônia Blumenau não foi unanimidade entre os pioneiros. Ferdinand Hackradt, sócio do fundador Dr. Blumenau, desistiu da sociedade antes de sua fundação. As enchentes que destruíram parte da serraria que foi construída para serrar madeira às margens do ribeirão da Velha foi um dos motivos de sua saída. Outros pioneiros seguiram o mesmo caminho partiram em busca de locais seguros.

A insistência em construir às margens de ribeirões e rios, e em áreas de baixadas, nos faz pensar na falta de planejamento que os imigrantes europeus tiveram na construção de moradias e comércios, principalmente Hermann Blumenau, que usufruía de formação e informações privilegiadas para a época.

O legado da ocupação de áreas atingidas pelas cheias, deixada pelos imigrantes europeus, continua até hoje. Desde a primeira cheia registrada antes da fundação da cidade de Blumenau, em 1849, já se passaram 132 enchentes de pequenas, médias e grandes inundações, causando prejuízos financeiros e sofrimento.



Itajaí
RIO DAS
VOLTAS



Juarez Inácio de Oliveira
Robson Carlos Avi



1ª Edição

Laurentino - Santa Catarina
Edição dos autores
2026

2026 Juarez Inácio de Oliveira
Robson Carlos Avi
Todos os direitos reservados

Revisão de texto
Ma. Deise Bilinski

Ilustrações
Juarez Inácio de Oliveira

Ilustrações adaptadas em imagens realistas
por meio de Inteligência Artificial (IA)
ChapGPT - OpenAI

Pesquisa
Juarez Inácio de Oliveira

Capa
Juarez Inácio de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oliveira, Juarez Inácio de
Itajaí rio das voltas / Juarez Inácio de Oliveira,
Robson Carlos Avi. -- 1. ed. -- Laurentino, SC : Ed.
dos Autores, 2026.

ISBN 978-65-01-94158-5

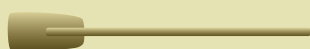
1. Itajaí (SC) - Descrição 2. Itajaí, Rio Pequeno
(Santa Catarina) - História I. Avi, Robson Carlos.
II. Título.

26-336450.0

CDD-918.164

Índices para catálogo sistemático:

1. Santa Catarina : Descrição : Guias 918.164
Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

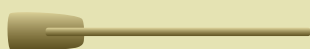


Dedicamos este livro às pessoas que
lutam pela conservação das nascentes,
cachoeiras, córregos, ribeirões e rios.

As ilustrações foram criadas
pelos autores, e adaptadas em imagens
realistas, geradas por Inteligência Artificial - IA

IA (OPENAI, 2025)





Agradecemos aos moradores da
Bacia do Itajaí que respeitam as áreas de
preservação permanente, contribuindo com o
percurso natural das águas desde as serras até o mar.

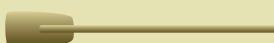
Rio Itajaí
DAS
VOLTAS



Nesta edição, os textos em boxes foram
copilados das publicações referenciadas e
não sofreram qualquer correção ortográfica.

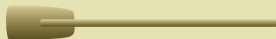


O termo enchente refere-se ao aumento
do nível de riachos, córregos e rios
ou acúmulo de águas por chuvas,
conhecido como inundação ou cheia.



SUMÁRIO

Prefácio	12
Apresentação	14
Rio das Voltas	18
As primeiras enchentes na Colônia Blumenau	36
A ocupação das margens de córregos, ribeirões e rios no Vale do Itajaí	58
Os negócios do Dr. Blumenau	84
A ocupação das margens dos três rios no Alto Vale do Itajaí	94
Da Serra do Mar até o Litoral	102
As 132 enchentes	108
Construa em área livre de enchente	134
Referências bibliográficas	140



PREFÁCIO

Nesta meticulosa obra, lançada no contexto da campanha “Construa em Área Livre de Enchente”, promovida pela Associação Ambientalista Pimentão, com o apoio do Ministério Público de Santa Catarina, os abalizados autores, Juarez Inácio de Oliveira e Robson Carlos Avi, mergulham profundamente nas origens da ocupação de toda a região do Vale do Rio Itajaí, que ocorreu no ano de 1849.

Para alcançar o objetivo, Juarez, engenheiro químico e escritor de obras regionais, e Robson, biólogo e professor, dedicaram-se a dissecar correspondências, artigos de jornais da época e fotografias, o que lhes permitiu traçar um panorama preciso e abrangente do processo de colonização, que se deu, desde o início, às margens do Rio Itajaí-Açu.

Dão vida à obra inúmeros excertos de anotações de colonizadores, artigos de escritores e pesquisadores, além de ilustrações antigas, mapas históricos, dados estatísticos e, por fim um relatório pormenorizado das 132 inundações que foram registradas ao longo do tempo, a primeira delas exatamente no primeiro ano da ocupação da região, qual seja, 1849, o que já é significativo por si só.

Sucedem que as condições originais de nossas florestas permitiam absorver, desde sempre, os impactos das constantes inundações, mas a ocupação em grande parte desordenada de todo o Vale do Rio Itajaí nos faz refletir por qual motivo insistimos, apesar de todos os indicativos em sentido contrário, na fórmula de utilizar, cada vez mais, parte do leito dos rios para construir nossas casas e indústrias.

Tenho afirmado, há muito, que nossa memória, enquanto moradores da bacia do Rio Itajaí sujeitos às forças da natureza, se desvanece no mesmo ritmo em que se dissipam as marcas das inundações em nossas casas.

Pois bem, esta obra de fôlego reforça este pensamento, inclusive porque no campo político-legislativo foi um deputado federal de nossa região que se preocupou em aumentar a distância das margens de áreas de preservação permanente na legislação federal e, tempos depois, quando nossa memória se desvaneceu, outro deputado federal, também de nossa região, atuou para reduzir drasticamente tais limites.

Neste contexto, deixo consignado meu desejo de que saibamos extrair do vasto material compilado as lições que já deveríamos ter aprendido desde o início do processo de ocupação da região, e também o desejo de que nossa memória não se perca com o passar dos anos.

Registro, então, meu orgulho em prefaciar esta belíssima obra, que traz novas e intrigantes informações a cada releitura, e externo meu reconhecimento aos autores por esta inestimável contribuição ao meio ambiente e à história de nossa região.

Adalberto Exterkötter
Promotor de Justiça



APRESENTAÇÃO

Tão antigo quanto a chegada dos europeus ao Brasil, o rio Itajaí, que foi chamado pelo historiador italiano Giovanni Battista Ramusio de Rio das Voltas, na obra “Delle Navigationi et Viaggi”, de 1556, considerado o primeiro mapa do Brasil, cumpre o seu papel natural escoando as águas desde a Serra Geral até o litoral de Santa Catarina, num percurso aproximado de 360 km.

Os historiadores consideram que os primeiros moradores das margens da foz do rio Itajaí-Açu foram aventureiros à procura de minerais, entre eles João Dias Arzão, um paulista que não tinha intenção de fundar um povoado, mas de extrair ouro, em 1765. A foz do rio Itajaí foi a porta de entrada para o início da colonização no vale. Somente em 1833 foi fundada a freguesia de Itajaí, com a concentração do povoado em torno do comércio de Agostinho Alves Ramos e a Capela do Santíssimo Sacramento, próximos do pequeno porto.

Foi partindo de Itajaí que Hermann Bruno Otto Blumenau e seu sócio, Ferdinand Ernst Friedrich Hackradt, fizeram a primeira viagem de reconhecimento do rio Itajaí, até o ribeirão Subida, com o objetivo de pesquisar os cursos hídricos do vale. O estudo durou algumas semanas e resultou na fundação da Colônia Blumenau às margens do ribeirão Garcia, onde Hermann recebeu terras do Governo Imperial.

Talvez para Ferdinand Hackradt, sócio do Dr. Blumenau, as cheias possam ter levado à sua saída da sociedade. Se considerarmos essa decisão como a causa, podemos dizer que Hackradt e os primeiros imigrantes que desistiram da colônia tiveram uma atitude sensata na época. Na carta que escreveu ao amigo antes da fundação da Colônia Blumenau, Hackradt se mostrou preocupado com os negócios e relatou que a serraria estava correndo risco de ser destruída pela enchente.

Além dos prejuízos financeiros, as cheias alteravam a rotina dos moradores, sendo inúmeras vezes mencionadas em cartas escritas pelos

imigrantes, entre eles a filha mais velha de Hermann, Christine Amalie Blumenau, no livro “Auswanderer” (Emigrantes), em 1929.

Desde o início da colonização, diferentes registros históricos indicam a ocorrência de cheias no rio Itajaí e seus afluentes, muitas delas citadas pelos próprios fundadores, como Charles Maxiliano Luiz Van Lede, fundador da Colônia Belga, em 1845, Hermann Bruno Otto Blumenau, fundador da Colônia Blumenau, em 1850, e Francisco Frankenberg, fundador da Colônia Matador, de Rio do Sul, em 1892.

A insistência em permanecer e construir em áreas de planície e próximas de ribeirões e rios se agravou com a construção da primeira barragem na região do Alto Vale do Itajaí, em 1973, a Barragem Oeste, no município de Taió. A obra, que foi considerada uma solução para as enchentes, passou falsa segurança para a população, devido ao seu subdimensionamento. No estudo realizado em 2011, a partir do Projeto de Prevenção e Mitigação de Desastres na Bacia do Rio Itajaí, se verificou que a obra foi construída para uma precipitação entre 70 a 80 mm de chuva, bem abaixo dos dados dos últimos anos na região.

O estado de Santa Catarina já se orgulhou em ter o Deputado Federal riosulense Artenir Werner como o autor de uma das mais importantes leis ambientais do país, que alterou a área de preservação permanente de 5 para 30 metros para rios com até 10 metros de largura, apresentando o Projeto de Lei em 1980, antes mesmo da ocorrência das duas maiores enchentes que atingiram a bacia do Itajaí, em 1983 e 1984, sendo promulgada no ano de 1986.

Em 2019, Santa Catarina, representada pelo então deputado federal Rogério Mendonça, autor da Lei que autoriza as Prefeituras Municipais, por meio das Câmaras de Vereadores, a decidirem sobre a redução das faixas de APPs em áreas urbanas, e da regularização das construções irregulares, sobre as mesmas, repetiu as intenções do fundador de Blumenau. Os interesses econô-

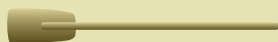
micos prevaleceram, acima dos dados históricos das cheias, dos estudos de impacto ambiental, e principalmente sobre o Projeto de Prevenção e Mitigação de Desastres na Bacia do Rio Itajaí, encomendado pelo estado de Santa Catarina em 2011, indicando as áreas de APPs como inadequadas para edificações.

O relevo que forma a Bacia do Itajaí, com altas serras, chegando a 1000 m de altitude, proporciona um escoamento muito rápido das águas. Os cursos fluviais formados por córregos, ribeirões e rios, que recebem as chuvas intensas e contínuas, transbordam naturalmente, desde a era da formação do continente. Quando os exploradores navegaram pela primeira vez pelas águas do rio Itajaí, e observaram as altas serras ao seu redor, tiveram a certeza que em períodos de fortes chuvas as águas não caberiam nos cursos naturais, e que transbordariam para fora do leito, fazendo das áreas alagáveis (planícies aluviais), uma extensão dos cursos hídricos, onde a fauna e a flora da região tinham se adaptado ao evento climático criado pela natureza.

Já se passaram 175 anos desde a fundação da Colônia Blumenau e o legado de seus idealizadores em permanecer e persistir construindo nas áreas atingidas pelas enchentes continua deixando marcas na vida dos moradores e nas paredes das edificações.

Construir novas barragens, mudar o curso dos rios ou realizar intervenções no relevo da Bacia do Itajaí, são assuntos quase sempre discutidos no meio político e acadêmico e que dependem de infinitos recursos financeiros. Na briga com a natureza, a prudência é ainda o caminho mais seguro. Pensando nisso, a Associação Ambientalista Pimentão e a 4ª Promotoria de Justiça da Comarca de Rio do Sul lançaram uma campanha publicitária com o tema “Construa em área livre de enchente”, que questiona a insistência de permanecer ou investir em áreas afetadas pelas cheias.





RIO DAS VOLTAS



Rio Itajaí, Floresta Atlântica e Oceano Atlântico (1500)¹

IA (OPENAI, 2025)

¹ Foz do rio Itajaí na época da chegada dos europeus no Brasil (ilustração).

Como um rio catarinense foi parar no primeiro mapa do Brasil de 1556? Essa pergunta foi respondida pelo Almirante da Marinha do Brasil Lucas Alexandre Boiteux. Em 1957, o historiador Boiteux, aos 78 anos, descobriu que o Rio das Voltas, desenhado pelo italiano Giacomino Gastaldi em 1556 no primeiro mapa do Brasil, encomendado pelo historiador veneziano Giovanni Battista Ramusio para a sua famosa obra “Delle Navigazioni et Vigi” (De Navegações e Viagens) trata-se, de fato, do Rio Itajaí.

O rio que deu origem à cidade de Itajaí, e era chamado pelos indígenas de Tajahug, foi o local escolhido pelos primeiros exploradores na busca por minerais preciosos na região. Em 1765, o tão sonhado ouro que a família do paulista João Dias de Arzão procurava nas margens do Itajaí não foi encontrado, e a exploração do minério deu lugar aos que estavam interessados no cultivo de cana-de-açúcar e na serragem da madeira nativa, dando início ao desmatamento da Mata Atlântica local.

Desde que recebeu o nome de Rio das Voltas, o rio Itajaí permaneceu intacto por mais de 270 anos, até a fundação da primeira freguesia, o povoado do Santíssimo Sacramento, que teve como fundador o comerciante Agostinho Alves Ramos, que, segundo os historiadores, foi o provável fundador da cidade de Itajaí, estabelecendo seu comércio próximo do Porto de Itajaí e da Capela do Santíssimo Sacramento.

O primeiro explorador a subir o rio Itajaí e fundar uma colônia longe da sua foz foi o engenheiro belga Charles Van Lede. Em 1842, Van Lede fez referência a ocorrência de enchentes no rio Itajaí, tornando-se pioneiro nos registros sobre as inundações que ocorriam na região.



Lucas Alexandre Boiteux 🐉

O catarinense Lucas Alexandre Boiteux, natural de Nova Trento, nasceu em 23 de outubro de 1880 e faleceu no Rio de Janeiro em 16 de dezembro de 1966. É lembrado pelos pares como historiador dedicado, frequentador assíduo de bibliotecas e arquivos. É autor de numerosas obras sobre a história de Santa Catarina, tendo pertencido a diversas entidades culturais, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e a Academia Catarinense de Letras. Além da história regional ele se notabilizou também como historiador de temas navais, com vasta produção historiográfica. Desde 1911, passou a residir na cidade do Rio de Janeiro e, na então capital federal, se fez articulista constante do *Jornal do Comércio*, tendo ali publicado entre 1911 a 1959 cerca de 200 artigos, principalmente sobre história naval brasileira e história de Santa Catarina (SILVA; CUNHA, 2010. p. 6).

Em 1897, entrou para a academia militar, formando-se Almirante da Marinha do Brasil. Aos 78 anos de idade, escreveu um artigo para a *Revista Blumenau* em Cadernos (1957), desvendando que o rio Itajaí é o provável rio das Voltas, publicado no primeiro mapa do Brasil, em 1556²:

Os poucos mapas, portulanos e roteiros dos primeiros anos da descoberta, que por felicidade rara alcançaram os nossos dias, são todavia, falhos, omissos, confusos, quanto à nomenclatura e sua situação verdadeira no trecho costeiro por nós visado neste simples estudo. Apesar dessa carência e confusão toponímicas julgo, no entanto, encontrar em famoso mapa dos Reinol (pai e filho), executado em Lisboa, em desenho não muito escoreito, mas sobrepujando os coevos na nomenclatura, a mais remota referência ao rio que nos preocupa. A referida preciosidade cartográfica, aparecida por 1516, demonstra ter incorporado o resultado “de mais de uma investigação para as bandas do sul”, no parecer do douto inaciano Padre Hafkemeyer. Assim é que da inspeção cautelosa que nela fizemos, no trecho considerado do riba-

² Giovanni Battista Ramusio, *Delle Navigazioni et Viaggi* (1556). Biblioteca da Universidade de Heidelberg (OKUNEVA, 2013. p. 17).

mar catarineta, nossa atenção foi atraída para um *R.º das Voltas*, situado aos 26°35' de latitude sul. Como é do nosso conhecimento o *Rio Itajaí* (principalmente o *Mirim*) apresenta desde a sua embocadura, um curso assaz sinuoso. Testemunha-o nestas palavras Almeida Coelho, baseado em Van Lede, em sua apreciada “Memoria histórica”: - “... notável por suas numerosas voltas...” A situação de sua foz, da mesma maneira, levando-se em conta a imperfeição dos instrumentos e observações do tempo, se aproxima da latitude do referido mapa dos Reinel. Com essa designação vamos ainda encontrá-lo no mapa de Maggiolo (1519), na Carta de Turim (1528). Em a carta marítima de Diego Ribeiro (1529), entre topônimos costeiros *R. de S. Franco.* e *P. de S. Catali.*^a, descobre-se as mesmas embocaduras de três cursos d’água (naturalmente o *Itapocu*, o *Itajaí* e o *Tijucas*), assinaladas pela designação - Rios - e vários ilhéus fronteiros. Afinal, na carta de Ramúsio (1563)³, grafado à castelhana lemos na mesma altura *R.º de las Bueltas* (BOITEUX, 1957. p. 4-5).

(...). Em 1529, Dom João III resolveu enviar uma esquadra com a missão de assegurar o domínio português na América (...). (WILDNER, 1992. p. 12).



Nau portuguesa (1529)⁴
IA (OPENAI, 2025)

³ O ano da carta cartográfica de Ramusio (1563), citado pelo historiador Boiteux, se refere à edição moderna, como descrito pela pesquisadora Olga Okuneva “Mencionem-se duas importantes edições modernas fac-similares: RAMUSIO Giovanni Battista. *Navigazioni et viaggi.* Venice, 1563-1606” (OKUNEVA, 2013. p. 17).

⁴ Embarcação portuguesa do século XVI (DOMINGUES et. al., 2012. p. 45c) (ilustração).



Giovanni Battista Ramusio, Delle Navigazioni et Viaggi (1556)⁵

⁵ Exemplar colorido da Biblioteca Digital de Cartografia Histórica - USP (BIBLIOTECA DIGITAL DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA. Mapas, 2004).

Mapa do Brasil de 1556 🗺️



Giovanni Battista Ramusio, Delle Navigationi et Viaggi (1556)⁶



Detalhe do mapa ampliado, indicando a localização do R. de labueltus.

⁶ Exemplar da Biblioteca Nacional do Brasil (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Acervo cartografia).

Giàcomo Gastaldi 🦎

Giovanni Battista Ramusio 🦎

Giácomo Gastaldi

Giácomo Gastaldi, nascido em Veneza, na Itália, é o autor do mapa desenhado do Brasil de 1556, o qual foi encomendado pelo escritor e historiador Giovanni Battista Ramusio, para o terceiro volume da obra “Navigationi et Viaggi” (Navegações e Viagens), publicada em 1559, dois anos após a morte de Ramusio. Gastaldi fez 12 mapas para a coletânea de Ramusio: três são publicados no primeiro volume (África) e nove no terceiro (sete dos quais referem-se à América) (OKUNEVA, 2013, p. 4).

Giovanni Battista Ramusio

Historiador e escritor veneziano (1485 - 1557), desempenhou vários cargos públicos em sua terra natal, tendo ficado conhecido por sua obra “Delle Navigationi et Viaggi” (De Navegação e Viagens), em que reuniu roteiros e relatos de viagens traduzidos para o italiano (BIBLIOTECA DIGITAL DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA. Autores, 2004).

O mapa do Brasil de 1556 faz parte do terceiro volume dedicado ao Novo Mundo e intitulado como sendo “Discurso d’un gran capitano” (Discurso de um grande capitão). Trata-se, assim, de uma expedição de 1529, liderada por Jean e Raoul Parmentier, com dois navios, o Sacre e o Pensée. A visita ao Brasil se inscreve no quadro dessa viagem (OKUNEVA, 2013, p. 5).

Rio Tajahug 🐸

Rio Itajaí

Com a chegada de novos navegadores e a fundação da primeira cidade catarinense, Nossa Senhora da Graça da Ilha de São Francisco, atual São Francisco do Sul, em 1658, muitas referências geográficas da região passaram a ser conhecidas pelos nomes indígenas, como foi o caso do rio Itajaí.

O historiador Boiteux, em sua pesquisa nos mais antigos mapas e cartas marítimas, verificou que o rio Itajaí era chamado de diversos nomes, entre eles o de Tajahug:



Ainda a respeito da grafia do nome do rio em questão, lemos em a “Arte de Navegar e Roteiro” de Manoel Pimentel, fidalgo da casa de S.M., e Cosmógrafo-mor do reino de Portugal, publicação de 1710: “Dalli (Ens. das Garoupas) cousa de tres léguas está hum rio chamado Tajahug” (...) (BOITEUX, 1957. p. 24).

Com o passar dos anos, outros nomes, como: Tajay, Tajahy e Itajahy, foram sendo escritos nas cartas marítimas e mapas cartográficos. Segundo dados do governo de Santa Catarina, a cidade de Itajaí foi criada quando o estado ainda era província:



O município de Itajaí, foi desmembrado de São Francisco do Sul. Legislação de criação de distrito: Decreto n. 21, de 12 de agosto de 1883. Legislação de criação de município: Lei Provincial n. 464, de 04 abril de 1859. Instalado em 15 de junho de 1860 (ESTADO DE SANTA CATARINA, 1983).

O rio que deu o nome para a cidade de Itajaí ainda continua sendo motivo de estudo entre os pesquisadores, quanto ao significado da expressão indígena Tajahug.

Nas Margens da Foz do Rio Itajaí 🦋

João Dias de Arzão

Antes da formação das primeiras colônias no Vale, o rio Itajaí atraiu alguns aventureiros, entre eles o paulista João Dias Arzão, que procurava minerais, como descreve Christina Eliza Baumgarten na obra “Sua Majestade o Itajaí-Açu”:



Tudo começou por iniciativa do paulista João Dias de Arzão, o primeiro posseiro das margens do rio. Em 1765, ele recebeu da coroa portuguesa um lote de terra na foz do Itajaí-Mirim. A intenção dele, porém, não era fundar um povoado: seu único interesse era extrair ouro, assim como também era o objetivo de outros posseiros que para a região vieram da Capitania de S. Vicente (BAUMGARTEN, 2008. p. 32).

Os filhos de João Dias de Arzão

Os filhos de João Dias de Arzão, segundo o jornalista e escritor Magru Floriano, em entrevista realizada com o genealogista Telmo José Tomio, continuaram suas atividades na propriedade do pai, na margem esquerda do rio Itajaí-Açu, defronte à foz do rio Itajaí-Mirim, local conhecido como Barra do Rio:



O casal Cornelius Arzão e Elvira Rodrigues teve a filha Suzanna Rodrigues de Arzão que casou com Pedro Dias Botelho. O casal Suzanna e Pedro Dias Botelho teve o filho João Dias de Arzão (primeiro), que nasceu por volta de 1638 em Santo Amaro, SP, casando com Maria Pedrosa. Entre os filhos do casal temos: Miguel Dias de Arzão, Antônio Dias de Arzão e João Dias de Arzão (segundo), conhecido como “O Moço”. O Moço, teve filhos, entre eles João Dias de Arzão (terceiro). A família repetiu o nome até o João Dias de Arzão (sexto) (FLORIANO, 2018. p. 33).

Alexandre José Azeredo Leão Coutinho

O Tenente-coronel Coutinho também adquiriu terras nas proximidades da foz do rio Itajaí, como descreve o historiador Lucas Boiteux:

Alexandre José Azeredo Leão Coutinho, nascido no Rio de Janeiro. Como o pai, seguiu a carreira militar Sendo Porta-bandeira de linha da terra (Barriga-Verde), foi a Portugal requerer a remuneração dos serviços seus e de seu pai; obteve a promoção a Capitão efetivo e o cargo de Governador da fortaleza de Santa Cruz do Anhatomirim, que assumiu a 3 de novembro de 1787. Foi depois promovido a Major, reformando-se em Tenente-coronel (vide decreto de 14 de janeiro de 1786). Em 1793 alcançou uma sesmaria no Itajaí, onde estabeleceu uma fazenda (...) (BOITEUX, 1958. p. 12).

Agostinho Alves Ramos

Agostinho Alves Ramos é considerado pelos historiadores como um dos responsáveis pela formação da primeira colônia de Itajaí, às margens da foz do rio Itajaí, como descreve Laércio Cunha e Silva:

Agostinho Alves Ramos, que nos comêços da terceira década do século passado, se estabeleceu na fôz do maior rio do litoral catarinense, não foi o primeiro morador do Itajaí. Em ali chegando, já encontrou, donos de terras com moradia e plantações, a exemplo de Alexandre de Azeredo Leão Coutinho (CUNHA e SILVA, L.; MELLO, R. F., 1959. p. 164).

Alves Ramos construiu o primeiro comércio em Itajaí, segundo o historiador José Ferreira da Silva:

(...). Nos doze anos decorridos, desde a ereção do seu pequeno templo – que é, sem dúvida, o marco assinalante da sua fundação – até a data de sua elevação à sede de freguesia, em 1833 -, o povoado do Santíssimo Sacramento não era mais do que uma dezena de habitações de taipa, cobertas de palha, distribuídas pela beira do rio, desde a foz, no oceano, até a barra do Itajaí-Mirim, com alguns abrigos para canoas, em vários pontos da praia. O sobrado de Alves Ramos, onde este tinha a sua loja de sêcos e molhados, e que, já então, se tornara o ponto de convergência dos moradores adjacentes, nas suas folganças ou em busca de recursos para as suas necessidades (...) (SILVA, J. F., 1960. p. 103).

A influência deixada pelos europeus pode ser vista na formação da cidade de Itajaí, onde a colonização se deu a partir dos portugueses, com concentração da casa de negócios (comércio de Agostinho Alves Ramos, a igreja (capela do Santíssimo Sacramento) e a praça (local de encontro dos moradores próximo ao porto), como explica Vitor Peluso Junior no livro “Tradição e plano urbano: cidades portuguesas e alemãs no estado de Santa Catarina”:



(...). As cidades de origem portuguesa crescem de forma concêntrica, a partir da praça onde se localizam a igreja e o paço municipal, as cidades teuto-brasileiras do Vale do Itajaí apresentam crescimento linear e radial, ao longo de eixos paralelos aos cursos d'água, antigos caminhos que hoje estruturam sistema viário (PELUSO, 1953. p. 91).



Freguesia de Itajaí (1833)⁷

IA (OPENAI, 2025)

⁷ Capela do Santíssimo Sacramento - Arquivo Histórico de Itajaí (FUNDAÇÃO GENÉSIO MIRANDA LINS).

Antônio de Menezes Vasconcelos de Drummond

Para o escritor José Ferreira da Silva, Drummond tratava-se de um personagem polêmico que acabara de chegar em Santa Catarina e tinha influência no governo imperial da época. Em um dos despachos do Ministro Vila Portugal, “Aviso de 05 de fevereiro de 1820”, encarrega a Antônio de Menezes Vasconcelos de Drummond a missão de colonizar terras nas margens do rio Itajaí-Mirim:



“El-Rei N. S. é servido que Vmce. vá se apresentar a João Vieira Tovar e Albuquerque, Governador da Capitania da Ilha de Santa Catarina, para tomar posse de umas terras para o mesmo Senhor junto ao Rio Tajai-Mirim, a fim de nelas formar um estabelecimento, segundo a direção que lhe há de dar o mesmo governador, na forma das instruções que serão a êste dadas por esta Secretaria d’Estado dos Negócios do Reino. O que participo a Vmce, para que assim se execute. Deus Guarde Vmce. Paço, em 5 de fevereiro de 1820. Tomás Antônio da Vilanova Portugal – Sr. Antônio de Menezes Vasconcelos de Drummond” (SILVA, J. F., 1963. p. 10).

Charles Maxiliano Luiz Van Lede

O engenheiro belga Charles Van Lede foi um dos primeiros pesquisadores a fazer estudos de reconhecimento do rio Itajaí e seus afluentes. Segundo o historiador José Ferreira da Silva, Van Lede navegou até a localidade de Belchior na confluência do rio Luiz Alves, e registrou a presença de moradias nas margens do rio:



“A freguesia de Itajaí compõe-se de umas cinqüenta casas dispersas pelas margens do rio, perto de sua foz e ao longo da praia. Tem uma igrejainha, alguns pequenos estaleiros; é sede dum juizado de paz e residência dum tenente-coronel da guarda nacional”⁸ (SILVA, J. F., 1959. p. 2).

⁸ Tradução da Obra de Van Lede (De la Colonisation au Brésil - Mémoire historique, descriptif, statistique et commercial sur - LA PROVINCE DE SAINTE CATHERINE).

Segundo o escritor e historiador Lucas Boiteux, Van Lede fez referência à ocorrência de enchentes no rio Itajaí, após passar pela sua foz: “(...) infelizmente é sua embocadura obstruída pelas areias que, nas grandes enchentes, suas águas trazem em suspensão e depositam desde que diminui a velocidade de que são animadas (...)” (BOITEUX, 1959. p. 41).



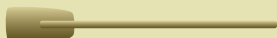
Navegando sobre a foz do rio Itajaí (1842)⁹

IA (OPENAI, 2025)

Na sua segunda viagem ao Brasil, Van Lede tenta fundar a Colônia Belga em Ilhota, apesar da morosidade do Governo Imperial em aprovar o projeto, como descreve Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart:

(...). A tentativa foi feita em setembro de 1844, quando Van Lede solicitaria à Presidência da Província de Santa Catarina duas léguas quadradas de terras à margem do Itajaí-Mirim, no local conhecido como Morretes. O lote, pelo Decreto Imperial n. 11, era considerado como “terras coloniais”. Porém a Câmara de Porto Belo indeferiu o pedido. Van Lede acabaria por adquirir do Major Henrique Flores uma légua quadrada de terras na margem direita do rio Itajaí-Açu, no lugar conhecido por “Ilhota” - devido a uma pequena ilha que lá existia (GOULART, 1982. p. 154).

⁹ Expedição de Charles Maxiliano Luiz Van Lede na Província de Santa Catarina (ilustração).



AS ENCHENTES NA COLÔNIA BLUMENAU

Os acontecimentos vividos nos primeiros anos na Colônia Blumenau foram relatados em cartas escritas, muitas delas, pelos próprios imigrantes. A obra “Colônia Blumenau no Sul do Brasil”, dos autores Gilberto Schmidt-Gerlach, Bruno Kilian Kadletz e Marcondes Marchetti, publicada em 2019, e editada nas versões Tomo I e Tomo II, é considerada uma das pesquisas mais completas sobre a formação da Colônia Blumenau, reunindo documentos inéditos e importantes, que relatam em detalhes a vida dos primeiros imigrantes, principalmente dos pioneiros que desembarcaram às margens dos ribeirões da Velha e Garcia em 1850.

O escritor Gilberto Schmidt-Gerlach e seus colegas autores reuniram no livro Colônia Blumenau no Sul do Brasil referências históricas disponíveis no grande acervo da Revista Blumenau em Cadernos, criada pelo professor e historiador José Ferreira da Silva, em 1957, que revelam os fatos, as histórias e os acontecimentos vividos pelos indígenas, exploradores, pesquisadores, estrangeiros, colonizadores e imigrantes nos primeiros anos da Província de Santa Catarina.

Para a pesquisadora Carla Fernanda da Silva, José Ferreira da Silva é percebido como um “homem de letras”, que inicia sua carreira em jornais e depois se dedica à escrita da história da cidade. Na compreensão da pesquisadora, a atividade como escritor o caracterizava como um intelectual. Porém, longe de contestar as normas da sociedade, estava ali para escrever a história pela interpretação dos vencedores. Longe de fazer uma história a contrapelo, Ferreira cobria o que considerava as imperfeições da história e dos heróis eleitos por ele, entre eles Hermann Bruno Otto Blumenau.

O herói descrito pelo historiador José Ferreira da Silva, que foi considerado um homem corajoso, e que nunca se abateu nos 35 anos que esteve à frente da colônia, primeiro como proprietário, e, posteriormente, como diretor, ignorou todas as enchentes, desde a sua chegada, em 1847, até a sua partida para a Alemanha, em 1882.

Se Hermann Blumenau é considerado o responsável pelo sucesso de Blumenau, presente nas fachadas das casas e nos tijolos das chaminés das indús-

trias, foi por meio dele que herdamos as enchentes, pois as matas ciliares nas margens de rios, córregos e ribeirões, deram espaço para a construção de casas, escolas, comércios, indústrias e praças.

Para entender melhor como os imigrantes conviveram com as primeiras enchentes, é necessário fazer a viagem de volta entrando pelo Porto de Itajaí. Os primeiros moradores que chegaram na foz do rio Itajaí e fixaram residência próximo ao Oceano Atlântico dispensaram qualquer planejamento quanto às cheias, devido a sua proximidade do litoral.

A região litorânea da foz do rio Itajaí possui áreas planas cobertas pela Floresta Atlântica até o mar. Na medida que os navegadores subiam o rio, percebiam que, após as fortes chuvas que caíam na região, ocorria a elevação rápida do leito dos rios, devido ao represamento das águas por conta da formação de bancos de areias, após as grandes cheias.

Nessa época, o alemão Hermann Bruno Otto Blumenau estava interessado em fazer negócios com o Império Brasileiro, adquirindo terras, para posteriormente vendê-las aos imigrantes europeus, colaborando com os objetivos da Monarquia, a colonização das áreas remotas do sul do País.

Acompanhado de seu futuro sócio, Dr. Blumenau subiu o rio Itajaí até a localidade de Subida, certificando-se de que aquele lugar seria ideal para a sua aventura em terras brasileiras. A ideia de formar uma colônia particular veio somente após a desistência do sócio, que partiu antes mesmo da fundação da mesma, e a causa da sua desistência em permanecer nas margens do ribeirão Garcia está relacionada à enchente de 1849, a primeira inundação de que se tem registro na região de Blumenau.

Foi a carta de Ferdinand Hackradt, o sócio que decidiu romper a sociedade com Dr. Blumenau, antes mesmo da empresa iniciar, que nos motivou a interpretar a região como um lugar inseguro para se morar e investir, devido à ocorrência de cheias.

Talvez não seja exagero considerar que a motivação de Hermann Blu-

menau na formação da colônia fosse somente de interesse financeiro, pelo grande número de desistências nos primeiros anos de fundação. Em 1855, cinco anos após o início da Colônia Blumenau, mais de vinte por cento dos imigrantes deixaram a região.

O destino de pessoas tão próximas ao Dr. Blumenau, como Ferdinand Hackradt, Franz Sallentien e Reinhold Gärtner, que desistiram de permanecer a seu lado, vindo a se estabelecer no litoral, por conta da ausência de enchentes, demonstra que a Colônia Blumenau não era o único lugar para se alcançar o sucesso, como aconteceu com Ferdinand Hackradt, que iniciou os negócios na Capital, ajudando seu sobrinho Carl Hoepcke a se tornar o maior empresário de Santa Catarina no final do século XIX.



*A viagem de reconhecimento
do Rio Itajaí*

Foi subindo o rio Itajaí que o alemão Hermann Bruno Otto Blumenau, após passar pela freguesia de Itajaí, seguiu viagem na companhia do experiente canoeiro Ângelo Dias, e seu futuro sócio, Ferdinand Hackradt, como descreve o historiador Gilberto Schmidt-Gerlach, no livro “Colônia Blumenau no Sul do Brasil - Tomo II”:



Dr. Blumenau encontrou em Ferdinand Hackradt, com quem travara relações no Rio de Janeiro, o homem disposto a participar da empresa e que, de resto, já havia estado em Santa Catarina. De acordo com um plano elaborado em comum, Hackradt antecipou-se, seguindo em 26 de outubro de 1847 para Desterro, a fim de tomar ali as necessárias preliminares. Dr. Blumenau seguiu-lhe em 21 de dezembro, e nas vésperas do seu 28º aniversário encontrou-se com o companheiro na capital catarinense. Logo em seguida, ou seja, em princípios de janeiro, ambos rumaram, via Tijucas, em direção a Itajaí, onde partiria a expedição, que tinha por guia Ângelo Dias, que já estava afeito aos perigos da floresta virgem e familiarizado com seus rios, tanto assim que provou ser hábil canoeiro, além de se revelar conselheiro digno de toda confiança comum (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019, p. 16).

Hermann, que era químico e doutor recém formado em filosofia pela Universidade de Erlangen-Nuremberg, na Alemanha, dispunha de conhecimentos científicos e intelectuais privilegiados para a época. A convivência com o guia Ângelo Dias, na viagem de reconhecimento da região, permitiu ao Dr. Blumenau entender como as águas desciam das serras e chegavam pelo rio Itajaí e seus afluentes até o mar, como descrito na obra “Colônia Blumenau no Sul do Brasil - Tomo I”:



(...). Tripulando duas canoas, a pequena expedição avançou sem incidentes. Passou pela foz do afluente Luís Alves, à margem esquerda, o qual deságua a região do Morro do Baú, antigo ponto de referência geográfica dos navegantes lusos e castelhanos, desde a era das descobertas, e por Ilhota, então conhecida por Colônia Belga, dada a origem dos primeiros colonos ali chegados poucos anos antes, e, mais adiante, pela Co-

lônia de Pocinho, hoje denominada Arraial, atingindo Gaspar. Em muitos pontos a expedição encontrou clareiras e colonos esparsos, alguns deles originários de São Pedro de Alcântara, tais como Peter Wagner e Peter Lucas. Das margens do rio aproximavam-se, gradativamente, as colinas e os morros, chegando a expedição, finalmente, às embocaduras do ribeirão Garcia e do ribeirão da Velha. Em todas as direções estendia-se densa floresta virgem (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 17).

A viagem de reconhecimento da região estava só começando, como previa o roteiro do guia Ângelo Dias, mas no trajeto já realizado Dr. Blumenau e seu sócio, Hackradt, perceberam a dimensão hídrica por onde as águas das montanhas eram captadas e levadas até o oceano, como descreve o escritor Gilberto Schmidt-Gerlach:

Armou-se o acampamento junto ao ribeirão da Velha. O esperto caboclo Ângelo Dias saía em busca de caça de pelo, peixes e aves. Dr. Blumenau e Hackradt entregaram-se à pesquisa nos cursos fluviais inferiores da Velha, do Bom Retiro, do próprio Itajaí, até ao Salto. Partindo da Velha, os expedicionários rumaram, todos, sempre nas duas canoas, em direção ao Salto, que foi vencido com alguma dificuldade. Nas proximidades do Passo Manso separaram-se. Hackradt explorou o rio do Teste, as regiões de Itoupava e da Fortaleza, bem como as cercanias mais próximas do acampamento. Por seu turno, Dr. Blumenau seguiu o curso do grande rio em sentido ascendente. No local em que hoje se encontra a linda cidade de Indaial, resolveu, num gesto compreensível, como se encontra-se numa encruzilhada, conhecer, primeiro, o pacífico rio Benedito, impressionante pela sua serena majestade (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 17).

Após várias semanas realizando visitas e levantamentos de dados, Dr. Blumenau e Ferdinand se mostraram satisfeitos com os resultados encontrados, como continua Gilberto Schmidt-Gerlach:

(...). Dali, o pequeno grupo de homens subiu o Rio Itajaí, até a desembocadura do ribeirão da Subida, sem topar com

obstáculos sérios. Diante das montanhas alcantiladas e imponentes da Serra do Mar, que não prometiam terras cultiváveis, os expedicionários resolveram regressar, chegando a Velha em fins de janeiro. Dr. Blumenau estava satisfeitiíssimo com os resultados obtidos. Havia encontrado uma região riquíssima em solo fértil, em florestas aproveitáveis e em caça, abundantemente regadas por cursos d'água e facilmente explorável para o intercâmbio comercial (...) (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019, p. 17).



Viagem de reconhecimento pelo do rio Itajaí e seus afluentes (1847)¹⁰

IA (OPENAI, 2025)

¹⁰ Hermann Blumenau, Ferdinand Hackradt e o guia Ângelo Dias (ilustração).

*A desistência dos
primeiros imigrantes* 🐛

Ferdinand Hackradt, Franz Sallentien, Reinhold Gärtner e
outros imigrantes que não concordaram ou não se
interessaram em permanecer na
Colônia Blumenau.



Ferdinand Ernst Friedrich Hackradt 

Ferdinand Hackradt nasceu em 20 de dezembro de 1817, em Gramzow, Perleberg, Brandenburg, Alemanha. Filho de Franz e Louse Hackradt, era irmão de Henriette Caroline Friederike Hackradt, casada com Ludwig Heinrich Carl Hoepcke. A família Hoepcke teve três filhos, entre eles Carl Franz Albert Hoepcke (1844-1924), conhecido como Carl Hoepcke.

Hackradt era negociante na Alemanha e decidiu abrir um negócio na América. Procurou, na época, Johann Jacob Sturz, e pediu informações sobre o Brasil, segundo André Fabiano Voigt:



(...), dirigiu-se, em 1847, a Sturz para pedir informações sobre o Brasil. Por isso, Sturz lhe deu cartas enviadas pelo Dr. Blumenau sobre suas viagens pelo Rio Grande do Sul. Ao ler estas cartas, Hackradt decidiu, então, escrever ao Dr. Blumenau sobre suas perspectivas de negócios e, portanto, Hackradt veio para o Brasil e se associou ao Dr. Blumenau em seu projeto de colonização no Sul do Brasil (VOIGT, A. F., 1999. p. 39-40).

Ferdinand Hackradt, após aceitar a proposta de Hermann para fundar a nova colônia às margens do ribeirão Garcia, depois da viagem de reconhecimento do rio Itajaí, onde se tornaram sócios da empresa Blumenau & Hackradt, decidiu dar início aos trabalhos de derrubada da mata e a construção de uma serraria, preparando o local para a recepção dos imigrantes, segundo Gilberto Schmidt-Gerlach:



(...). De conformidade com o que havia sido combinado quando terminou a viagem de exploração, Hackradt permaneceu em Santa Catarina, a fim de desbravar a mata, cuidar de plantações e pastagens, construir uma serraria, comprar mais terras e tomar as medidas preliminares para o acolhimento dos trabalhadores e empregados da firma aguardados da Alemanha (...) (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 18).

Depois de uma viagem de dois meses, Dr. Blumenau chegou, em 1848, em Hamburg, na Alemanha, via Amsterdam, e visitou seus pais em Blankenburg no Harz. Nesse período, recebeu uma carta de Hackradt, falando dos prejuízos sofridos com a enchente, continua Gilberto Schmidt-

-Gerlach:



(...). A terceira carta era de Hackradt, que participava sua intenção de se retirar da firma. Dizia que a serraria estava correndo risco de ser destruída pela enchente, que as tábuas as alcançavam apenas preços ínfimos e que seria necessário mais capital para evitar o fracasso total (...) (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 20).

Conforme descrito por Gilberto Schmidt-Gerlach: “(…). Antes de partir, em 1848, Dr. Blumenau havia deixado 4.000 thaleres com seu sócio, ao qual remeteu mais 1.500 do Rio de Janeiro. Fora gasto todo esse dinheiro. Hackradt manteve-se firme na resolução de se desligar da firma e pediu a restituição de sua quota de capital e uma indenização pelo seu trabalho. Alegou, como desculpa pelo estado das instalações e plantações, a falta de braços aptos, as intempéries e outros contratempos imprevisível (...)” (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 22).

Continua Gilberto, na carta datada de 11 de janeiro de 1854, que o Dr. Blumenau descreve a sua relação com Hackradt, desde o início da sociedade, com algumas críticas ao sócio, como se fossem um desabafo, mas se demonstra disposto a manter relações comerciais com o amigo. Na capital da Província, Hackradt, apesar das dificuldades, consegue com sucesso prosperar, ajudando a construir uma das maiores empresas de Santa Catarina:



(...). Ora, Hackradt não era colonizador, mas comerciante. Assim, notou logo que a empresa não oferecia nenhuma perspectiva de êxito econômico, donde a impossibilidade de levá-la adiante. Por isto tratou, imediatamente, da rescisão do contrato, sem consideração alguma quanto à sorte futura do sócio. Foi para Desterro, onde explorou, no início em sociedade com Andreas Karl Ebel, natural de Mecklemburg, uma máquina de beneficiar arroz e uma pequena charutaria. Em 1857 adquiriu o estabelecimento comercial de Ulrich Häberle. A seu convite, passou a trabalhar com ele, no ano de 1866, seu sobrinho Carl Hopcke, vindo de além mar como imigrante e que se tornou seu sócio. Em 1871, Hackradt se retirou de todas as atividades, depois de haver exercido, durante longos anos, o cargo de Côn-

sul eletivo da Prússia. Faleceu em 1887, deixando grande fortuna. Já em 1880 a firma era a mais importante de Santa Catarina, sob a denominação de Carl Hoepcke S.A. (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019, p. 21).



Casarão colonial (1820)¹¹

IA (OPENAI, 2025)

O negócio prosperou para muito além das expectativas iniciais. O endereço da Rua Conselheiro Mafra número 28, num casarão de traços arquitetônicos luso-açorianos, tornou-se a sede principal da empresa. Carl Hoepcke, braço direito do tio, destacou-se desde sempre na administração das atividades, que iam se modernizando com o passar do tempo. Aos 38 anos, em 1883, ele assumiu definitivamente a gestão da firma. Naquele ano, surgia a lendária Carl Hoepcke & Cia, segundo Carlos Damião¹²(MARTINS, 2019).

¹¹ Comércio de Ferdinand Hackradt, posteriormente sede da empresa Carl Hoepcke & Cia.

¹² Carlos Damião Werner Martins foi jornalista, historiador e poeta. Trabalhou como editor-chefe do Jornal de Santa Catarina, do jornal O Estado e do AN Capital. Trabalhou no antigo SBT e por anos atuou como jornalista e colunista do jornal Notícias do Dia, do Grupo ND. Também foi apresentador e comentarista da Rádio Guarujá.

Franz Sallentien 🐸

Franz Sallentien nasceu em 12 de agosto de 1827, em Braunschweig, na Alemanha, e foi integrante dos 17 pioneiros que chegaram à Colônia Blumenau, em 1850.

Franz tinha 23 anos quando chegou à Colônia Blumenau e ficou amigo de Reinhold Gärtner, sobrinho de Hermann Blumenau, onde permaneceu por pouco tempo, como descreve o escritor Gilberto Schmidt-Gerlach:



Franz Sallentien adquiriu um lote na Colônia Blumenau; vendeu-o depois a Paul Kellner que por sua vez passou-o a Karl Julius que por sua vez passou-o a Karl Julius Baumgarten. Sallentien precisava de lotes com maiores áreas, pois seus projetos eram mais pretenciosos. Assim, em 1852 adquiriu terras em Águas Claras, próximo da atual Brusque. Viria a construir ali um engenho para serrar madeira, tendo logo em seguida construído outros dois, um deles às margens do rio Itajaí-Mirim e associado a Reinhold Gärtner. Ambos foram sócios, agenciando a chegada dos imigrantes antes da subida do Itajaí a caminho de Blumenau (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 48).

Em 1855, Franz já estava casado com Johanne Osterland, que também deixou sua colônia em Blumenau, para morar com o marido em Itajaí. Na carta escrita em 28 de abril de 1856, Franz descreve à sua irmã os problemas que enfrentava nas serrarias instaladas às margens do Itajaí-Mirim, devido às cheias, segundo Gilberto Schmidt-Gerlach:



Minha querida irmã Luise! (...). Certamente você deve estar zangada comigo por não lhe haver escrito antes. Mas realmente não foi possível. Se você soubesse o que aconteceu aqui nos últimos três meses, você me daria razão. Tive muito trabalho com a enchente, tornando-se muito difícil cuidar sozinho das coisas. Por dois meses inteiros estive na selva para colocar em ordem os negócios com os engenhos de serraria. Minha esposa, nesse tempo, teve que gerir os negócios em Itajaí (...) (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 50).

Em outro trecho da carta, do dia 28 de abril de 1856, Sallentien fala dos valores financeiros perdidos com as enchentes, e relaciona o evento cli-

mático a uma força divina:



Nossos negócios agora vão bem novamente, se bem que a enchente nos colocou bem para trás. (Tivemos um prejuízo de no mínimo 30.000 réis.) Assim, espero que se tudo correr bem até o fim do ano que vem teremos recuperado mais ou menos o prejuízo. Também não devemos ter rancor pelo prejuízo sofrido porque 1.000 réis a mais ou a menos não é motivo para tal. Tinha que acontecer e o melhor é se acalmar (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 50).

Depois de ter residido em Itajaí, Franz Sallentien se transferiu para Nossa Senhora do Desterro, capital da Província de Santa Catarina, como descreve Gilberto Schmidt-Gerlach na obra “Colônia Blumenau no Sul do Brasil”:



(...). Passaram a viver numa casa pertencente a Ferdinand Hackradt na Barra do Itajaí, estabelecendo uma venda e cuidando, além das serrarias, da agricultura e da pecuária. Em 1861, Sallentien viajou para a Alemanha com a esposa e filhos, embarcando no veleiro Raleigh, em cujo bordo viria a nascer Minna (falecida em 1920 em Braunschweig). Uma outra atividade que Sallentien cultivava: o Canto. Assim como Max Humpl nos anos de 1920, Franz Sallentien foi um incentivador desta atividade cultural que estes imigrantes muito apreciavam — as Sociedades de Canto. Em 1866, os Sallentien passaram a residir na Capital da Província, Desterro, estabelecendo-se com forte comércio onde Ferdinand Hackradt já estava há anos, após deixar Blumenau. Em Desterro, Sallentien fundou a Sociedade de Cantores Euterpe (depois Club Germania) (...) (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 48).



Barra do Rio Itajaí (1855)¹³

IA (OPENAI, 2025)

A vila de Itajaí contava, por volta de 1830, com quase 3.500 habitantes que ergueram neste sítio virgem suas casas sem chaminés, em sua maioria de madeira... O Morro do Baú, com 840 m de altitude, era antigo ponto de referência geográfica dos navegantes lusos e castelhanos (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 78).

¹³ Vila de Itajaí onde Franz Sallentien foi morar com família, antes de se mudar para Desterro.

Reinhold Gärtner 

Reinhold Gärtner era lavrador em Braunschweig, na Alemanha, sobrinho de Hermann Blumenau. Tinha 26 anos quando desembarcou na Colônia Blumenau, juntamente com 16 imigrantes, às margens do ribeirão da Velha, em 1850.

Gärtner e os 16 outros imigrantes vieram como operários, empregados e colaboradores do Dr. Blumenau, segundo Gilberto Schmidt-Gerlach:



(...). Poucos dias depois do Dr. Blumenau chegavam às margens do ribeirão da Velha, em 2 de setembro de 1850 (sic), Reinhold Gärtner e seus 16 imigrantes. Os recém chegados foram alojados em dependências precariamente preparadas (...) (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 19).

Com a saída de Ferdinand Hackradt da sociedade, Hermann Blumenau, considerou que estava falido e deixou a colônia nas mãos do sobrinho, para buscar mais recursos e dar andamento ao projeto que tinha planejado, como descreve Gilberto Schmidt-Gerlach:



(...). A impressão de ser um falido representava para ele um fardo pesadíssimo. Todavia, nada lhe restava fazer senão perseverar e cuidar antes de tudo, das 17 pessoas que haviam atendido ao seu chamado e dependiam de sua direção. Passaram, assim, quatro meses, em que foram tomadas as providências mais urgentes. Pelo fim do ano Dr. Blumenau apressou-se em ir ao Rio de Janeiro. Era a única parte donde podia vir a salvação. Entregou a direção da empresa a Reinhold Gärtner, que cumpriu fiel e cabalmente suas difíceis obrigações e registrou em um diário as ocorrências importantes e as observações meteorológicas (...) (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 21).

Tanto o Dr. Blumenau, como seu sobrinho Gärtner, já realizavam anotações sobre o clima na região, e tinham a clara percepção das variações do nível do rio Itajaí naquela época. Gärtner, além de ajudar o tio na Colônia Blumenau, foi enviado para a Europa, como revela Gilberto Schmidt-Gerlach:



(...). Já em 1855 ele enviava Reinhold Gärtner à Alemanha, a fim de angariar mais gente. Tratou, além disso, de divulgar ali novos impressos de propaganda. Nos anos subsequentes Dr. Blumenau chegou à convicção de que a Colônia não podia ser mantida como empreendimento particular. Ante as necessidades crescentes seu capital era exíguo demais, o auxílio do Governo incerto e o fardo das dívidas e dos juros opressor. Diante disso resolveu, em 1859, transferir a Colônia para o Governo (...) (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 26).

O médico suíço Johann Jakob von Tschudi escreveu a obra “Reisen durch Süd-Amerika” (Viajando pela América do Sul), em 1866, sendo que o 3º volume, editado em 1867, engloba a viagem “As colônias na Província Santa Catarina” (1861) (FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU). Segundo Gilberto Schmidt-Gerlach, o livro foi traduzido pelo Prof. José Ferreira da Silva, e cita a presença do sobrinho do Dr. Blumenau vivendo em Itajaí em 1861, ou seja, 11 anos após ter desembarcado no ribeirão da Velha, juntamente com os 16 primeiros imigrantes:



Devido às grandes e pequenas curvas, que são muitas as que o Rio Itajaí faz, a viagem da Vila até a Colônia demora, conforme as condições do vento, do nível e da correnteza das águas, de 16 a 30 horas. Devido aos empenhos do Sr. Reinhold Gärtner, que se estabeleceu na Barra com uma casa de negócio, conseguiu-se, afinal, durante o dia, uma embarcação com a necessária tripulação, de sorte que pudemos partir às 4 horas da tarde (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 117).

Emilie Blumenau, irmã mais velha de Hermann Blumenau, casou-se com o magistrado distrital Johann Friedrich Ernst Gärtner e teve dois filhos, Reinhold e Victor Gärtner. Seu irmão Vitor Gärtner chegou na colônia mais tarde, e construiu uma casa no centro de Blumenau, em 1864, ao lado do tio Hermann (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 12).

Quando Reinhold Gärtner chegou pela primeira vez na Colônia Blumenau, em 1850, ele encontrou um rio serpenteando uma floresta.



Rio Itajaí-Açu e a Floresta Atlântica (1850)¹⁴
IA (OPENAI, 2025)

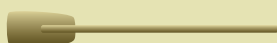
Anos	Vindos da Europa						Nascidos na Colônia						Existen- tes na Colônia em Dez. de 1854	
	Entraram		Falece- ram		Retira- ram		Entra- ram		Falece- ram		Retira- ram		H	M
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M		
1850	11	6	1	-	6	4	-	-	-	-	-	-	4	2
1851	8	-	1	-	2	-	-	1	-	-	-	1	5	0
1852	58	52	2	1	20	16	1	-	-	-	-	-	37	35
1853	18	10	1	-	3	-	5	2	-	-	-	1	19	11
1854	86	60	1	-	10	5	3	1	1	-	-	-	77	56
Soma	181	128	6	1	41	25	9	4	1	-	-	2	142	104
H=Homens; M=Mulheres.														

Quadro populacional da Colônia Blumenau 1850-1854¹⁵
IA (OPENAI, 2025)

Fazendo uma análise rápida do quadro populacional da colônia, em cinco anos, desde a fundação, 22 % dos imigrantes desistiram ou não se interessaram em permanecer. Nesse período, ocorreram duas enchentes, em 1851 e 1852.

¹⁴ Rio Itajaí-Açu na época da fundação da Colônia Blumenau (ilustração).

¹⁵ Fonte: Mapa estatístico da Colônia Blumenau. Relatório do presidente da província de Santa Catarina. 1º de março de 1855 (DECHAMPS, M. L. O., 2015. p. 58).



A OCUPAÇÃO DAS MARGENS DE
CÓRREGOS, RIBEIRÕES E RIOS
NO VALE DO ITAJAÍ

Após ser empossado como proprietário das terras devolutas, Dr. Blumenau passou a controlar com mão de ferro a sua colônia, fez a divisão dos lotes e em seguida iniciou a venda e a doação aos primeiros imigrantes. Além das regras e normas estabelecidas para os moradores, Hermann detinha informações sobre a mata, clima, ribeirões, rios, cultivos e plantas, ou seja, fazia questão de ter o controle total do empreendimento. Nos longos relatórios da colônia escritos por Hermann, não constam advertências quanto a orientação dos locais afetados pelas cheias.

Segundo o escritor Gilberto Schmidt-Gerlach, sabe-se que Dr. Blumenau convidou o artista alemão Joseph Brüggemann para registrar a nascente da Colônia Blumenau, desenhando em telas em preto e branco, entre 1864 e 1869. Entre as telas está o centro da colônia, visto da tomada do morro da casa do pastor, onde o rio Itajaí contorna o vale entre casas e montanhas.

A partir do desenho de Joseph Brüggemann, é possível compreender os locais escolhidos para a construção das primeiras casas e comércios da colônia. Entre a data dos preparativos para a chegada dos imigrantes (1849), e o desenho do autor (1864), se passaram 15 anos. Nesse período, a colônia presenciou a ocorrência de seis¹⁶ enchentes.

Levando em consideração o tamanho dos lotes que foram distribuídos aos primeiros imigrantes, que variavam em torno de 30 e 50 hectares¹⁷, havia terras suficiente para construir novas casas e comércios em locais livre de enchentes, como ocorreu com o morro da casa do pastor, lugar escolhido pelo artista para retratar, em detalhes, a colônia que Hermann Blumenau planejou para os seus conterrâneos.

Na lista dos primeiros lotes distribuídos aos imigrantes estão os irmãos Fritz

¹⁶ Enchente de 1849 (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 20), 1851 (SILVA, J. F., 1974. setembro. p. 171), 1852 (SILVA, J. F., 1974. outubro. p. 199), 1855 (SILVA, J. F., 1974. outubro. p. 200), 1862 (SILVA, J. F., 1974. outubro. p. 202) e enchente de 1864 (SILVA, J. F., 1974. outubro. p. 204).

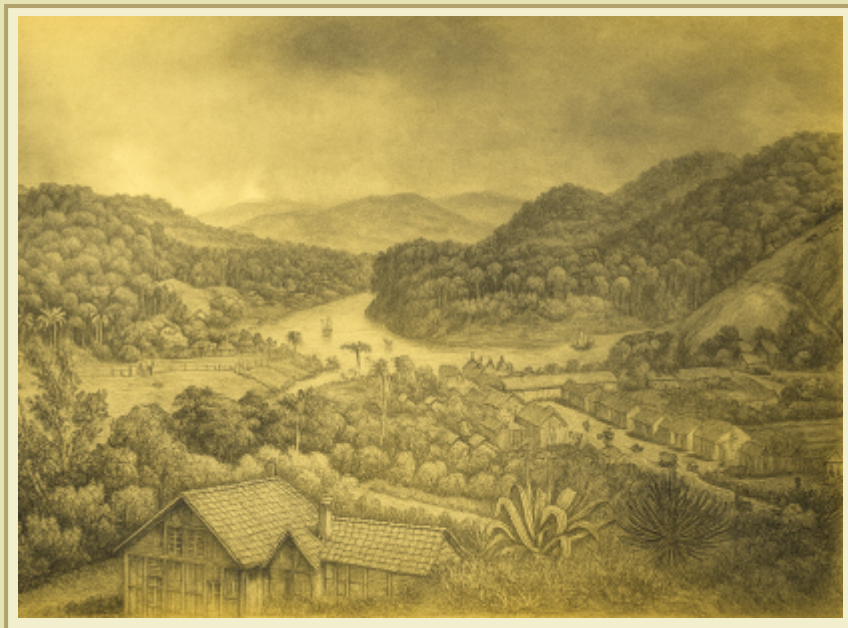
¹⁷ Em 1852, oficialmente Dr. Blumenau realizou a entrega dos primeiros lotes gratuitamente, porém, os colonos deveriam pagar as custas da medição e marcação, num prazo de seis meses (SILVA, J. F., 1957. p. 47).

e August Müller, que receberam os lotes 1 e 2, respectivamente. Em cartas enviadas aos seus familiares, os Müller narram por diversas vezes os problemas das enchentes, mas não insinuam o desejo de mudar de local ou construir em lugar mais seguro. Fritz Müller, que ficou conhecido como “Príncipe dos Observadores”, devido aos seus estudos científicos sobre o reino vegetal, foi o primeiro imigrante a se arrepender por ter construído sua residência próximo do rio Itajaí. Em 1880, em uma das cartas escritas ao irmão Hermann Müller, mostrou seu descontentamento com o local onde morava.

Fritz Müller era muito próximo ao Dr. Blumenau, e logo ganhou a fama de “sábio”, o que nos leva a questionar a sua atitude. Mesmo manifestando arrependimento, continuou morando muito próximo do rio Itajaí, como descreve o pesquisador Alfred Möller, em visita ao amigo Fritz Müller, em 1891, quando publicou a foto de sua nova residência, no Bairro Belchior, em Blumenau.

A formação da primeira praça da Colônia Blumenau teve a participação de vários imigrantes, entre eles Julius Baumgarten, que não se opôs a construir às margens dos ribeirões e do rio Itajaí. Permanecer nas áreas baixas e alagadas da colônia não era unanimidade entre os moradores. O fotógrafo Carl Bernhard Scheidemantel construiu o seu ateliê usando um local elevado do terreno. A atitude de Scheidemantel podia estar ligada às enchentes, evitando no futuro a perda dos equipamentos pelas águas. Os registros fotográficos que o primeiro fotógrafo da colônia realizou nos permite avaliar, com precisão, os locais das ocupações nas margens dos cursos de águas da colônia e região.

Em 1858, Dr. Blumenau teve seu empreendimento questionado pelo médico viajante Robert Avé-Lallemant, que, após vários dias andando pela colônia, manifestou preocupação com as ocupações próximas das margens de ribeirões e rios. Para Avé-Lallemant, o interesse comercial da venda dos lotes em áreas muito próximas de rios e ribeirões era uma atitude oportunista de Hermann Blumenau, que poderia trazer prejuízos para os imigrantes desavisados.



Colônia Blumenau (1864)¹⁸

IA (OPENAI, 2025)

Colônia Blumenau, tomada do Morro da Casa do Pastor. À direita, o Centro, onde está o Barracão dos Imigrantes, a casa do Dr. Blumenau (com 3 cu-meeiras); casas de Wendeburg e Gärtner; Escola Alemã e casa de K.W. Friedenreich. Na ala direita do Stadplatz, atrás do Barracão dos Imigrantes, local onde seria construído o Hotel Schreep; casas de Meyer & Spierling e K. Julius Baumgarten - ainda sem as palmeiras. Ao fundo, corre o Rio Itajaí-açu da esquerda para a direita. Ao centro, ponte onde desemboca o ribeirão Garcia no Itajaí. Ao fundo, à esquerda, local onde seria construída a Igreja Católica; à direita, Ponta Aguda e Morro do Aipim (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 148).

¹⁸ Joseph Brüggemann. Colônia Blumenau - povoações (BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL DO BRASIL - Mapas).

Fritz Müller 🦋
August Müller 🦋

Os irmãos Fritz e August Müller nasceram na Alemanha e chegaram com as suas esposas na Colônia Blumenau em 21 de agosto de 1852. Fritz foi promovido Dr. em Filosofia, em 1844, e August era jardineiro. Foram os primeiros compradores dos lotes distribuídos pelo Dr. Blumenau, no início da formação da Colônia, em 1852, conforme descreve José Ferreira da Silva:



Dois outros colonos, chegados também em 1852 a 21 de agosto, e que tiveram marcante influência no desenvolvimento e na vida da colônia, foram os irmãos Fritz e Augusto Müller. Fritz Müller, já então sábio de renome pelos seus trabalhos sobre moluscos, publicados na Alemanha, tornou-se uma glória universal das Ciências Naturais, colaborador e amigo de Darwin, de quem mereceu ser chamado “o príncipe dos observadores da natureza do Brasil”. Outro fato de marcante significado, ocorrido, em 1852, foi a distribuição oficial dos primeiros doze lotes coloniais. (...) Este ato revestiu-se de grande solenidade, tendo sido lavrado termo que foi assinado pelo fundador e os colonos interessados (SILVA, J. F., 1957. p. 46-47).

Segundo José Ferreira da Silva, Hermann Bruno Otto Blumenau era o proprietário das terras e mantinha o controle total da Colônia Blumenau, inclusive da distribuição dos lotes aos imigrantes:



O colono recebia o lote gratuitamente. Deveria, porém, pagar as custas da medição e demarcação e isso no prazo mínimo de 6 meses. No relatório referente a esse período, o Dr. Blumenau escrevia: “Contratos ainda não fiz com os colonos; entreguei-lhes as terras como propriedade sua dentro da legislação em vigor e pedi deles apenas a restituição das custas dos diversos gastos com a medição das mesmas e outros preparativos em quantia de 7\$500¹⁹ por cada uma sorte. Os colonos ficam, porém, sujeitos aos estatutos da da colônia, os quais hei de estabelecer em comum com os mesmos” (SILVA, J. F., 1957. p. 47).

A quantidade média de área recebida pelos imigrantes correspondia a um ter-

¹⁹ 7\$500 (sete mil e quinhentos réis). Rs e \$ “Réis” era a moeda padrão na época do Império do Brasil (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2004. p. 16).

reno com 350 metros de largura por 1000 metros de comprimento. Portanto havia muito espaço nos lotes, o que permitia a possibilidades de escolha de outros locais na propriedade para a construção de casas e benfeitorias.

Os lotes números 1 e 2, de Fritz e Augusto Müller, não constam do auto de arrematação, pois eles não eram, propriamente, colonos contratados pelo fundador. Por esse motivo é que o preço dos lotes referidos é quase dez vezes maior (SILVA, J. F., 1957. p. 47).

Nome do Ocupante	No. do Lote	Superfície do Lote	Preço	No. de Pessoas de Família
Dr. Fritz Müller	1	49,5 hect.	100\$000	3 pessoas
Augusto Müller	2	48,5 hect.	100\$000	2 pessoas
Augusto Hesse	3	36,0 hect.	11\$000	9 pessoas
Frederico Seiffert	4	37,5 hect.	10\$000	4 pessoas
Gaspar Huhn	5	36,0 hect.	11\$000	5 pessoas
João Gebien	6	39,0 hect.	11\$000	3 pessoas
Christiano Josiger	7	36,0 hect.	11\$000	7 pessoas
Ehrhardt	8	33,75 hect.	10\$000	3 pessoas
Frederico Klinger	9	33,5 hect.	10\$000	5 pessoas
Carlos Spiess	10	33,75 hect.	10\$000	4 pessoas
Christiano Hahnemann	11	33,25 hect.	10\$000	7 pessoas
Eurico Leuthäuser	12	33,0 hect.	10\$000	4 pessoas
Total	12		306\$000	56 pessoas

Quadro com os nomes dos colonos (1852)²⁰

IA (OPENAI, 2025)

O escritor Gilberto Schmidt-Gerlach relata, no livro “Colônia Blumenau no Sul do Brasil”, uma carta resgatada, de Fritz Müller, por meio da publicação da revista “Das Ausland” (O Estrangeiro), em que foi autorizada a reprodução dos textos, entre eles dos acontecimentos vividos, logo após a aquisição do lote 1, de 49,5 hectares, na Colônia Blumenau, em 1852:

²⁰ Quadro a quem foram entregues esses 12 lotes (SILVA, J. F., 1957. p. 47).



Todos os colonos, nos primeiros anos, vieram por conta própria, não esperavam e nem recebiam qualquer auxílio. Blumenau somente se preocupava em providenciar os mantimentos essenciais que ele, sem lucro, mandava vender e pagava também um alemão que morava em Gaspar para nos ajudar no corte das árvores e na construção de nossas cabanas, na plantação, na construção de armadilhas, etc. Eles todos, que desde o começo tinham que se acostumar à simplicidade da mata virgem, progrediam, e apesar dos esforços e privações dos primeiros tempos, sempre mantiveram a coragem e o otimismo (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 56).

Segundo Gilberto Schmidt-Gerlach, em 1853, um ano após a sua chegada à colônia, Fritz Müller escreveu uma carta para sua irmã Christiane Müller descrevendo a primeira enchente que acabara de atingir sua propriedade revelando as áreas mais baixas da colônia e fazendo comparações dos níveis que as águas alcançaram:



O nosso Garcia subiu além de 20 pés²¹ acima do nível normal. Na minha Colônia, que começa a se elevar já da margem do ribeirão, não houve danos maiores. No lote do August, uma grande parte do mato derrubado, que aqui se chama roça, ficou debaixo d'água. Esta, ao baixar, deixou tudo coberto de lama, de sorte que as folhas e galhos não podiam mais ser requeimados e, conseqüentemente, foi preciso limpar todo o trecho com dispêndio de tempo e trabalho. Muito pior, porém, sucedeu a outros colonos, que moram para diante dos nossos lotes e que haviam construído os seus ranchos em lugares baixos. Alguns desses ranchos ficaram completamente debaixo d'água, muitos objetos se perderam e, além disso, os caminhos inundados não deram mais passagem e nem se podia descer o ribeirão de canoa, devido à forte correnteza, o que obrigou muita gente a passar fome (SCHMIDT-GERLACH et al, 2019. p. 62).

Fritz e seu irmão August ficaram pouco tempo no Ribeirão Garcia, segundo

²¹ 20 pés (6,10 metros). 1 pé: 0,35 cm - “Pé” é a medida usada em meios marítimos e aeronáuticos “FT” (AGÊNCIA NACIONAL DA AVIAÇÃO CIVIL).

Ricardo Bittencourt et al., no livro “Fritz Müller: obra, cartas e vida”:



No ano de 1854 chegaram várias centenas de imigrantes novos para Blumenau e em 20 locais ou mais, foi derrubado o mato e construído cabanas. A vários dos chegados bastava encontrar a cabana construída e o mato derrubado nas imediações mais próximas. Desse modo, August Müller já vendeu sua propriedade no começo do ano, Fritz a dele ao final e ambos os irmãos compraram novamente um ao lado do outro, junto da margem norte do grande rio²²(MÜLLER, F., 2022. p. 102).

Na carta escrita ao irmão Hermann Müller, em 14 de janeiro de 1855, Fritz Müller fala da sua nova casa, porém, faz questão de destacar que ela se encontra às margens do rio Itajaí, como descreve Ricardo Bittencourt et al.:



A propriedade nova encontra-se num local muito bonito. Na frente da casa o grande e maravilhoso rio, do outro lado vários assentamentos alemães e um pouco mais longe uma cadeia de montanhas coberta de mata. Entre a minha moradia - a ser construída - e a casa de August ainda há mata, mas a qual no decorrer do ano ainda será derrubada (MÜLLER, F., 2022. p. 105).

Desde a chegada dos irmãos Fritz e August Müller na nova propriedade, na localidade de Belchior, no ano de 1854, até a data da grande enchente, em 1880, eles conviveram com os transtornos de onze²³ enchentes, durante 26 anos. Segundo Gilberto Schmidt-Gerlach, no diário escrito por August Müller entre 1877 e 1897, o irmão de Fritz descreve os acontecimentos das cheias, de 1877 e 1880:

²² “grande rio” era assim que os imigrantes chamavam o rio Itajaí no início da colonização.

²³ Enchente de 1852 (SILVA, J. F., 1974. outubro. p. 172), 1855 (SILVA, J. F., 1974. setembro. p. 200), 1862 (SILVA, J. F., 1974. outubro. p. 202), 1864 (SILVA, J. F., 1974. outubro. p. 204), 1868 - julho (SILVA, J. F., 1974. outubro. p. 204), 1868 - novembro (SILVA, J. F., 1974. novembro. p. 221), 1869 (SILVA, J. F., 1974. novembro. p. 221), 1870 (SILVA, J. F., 1974. novembro. p. 221), 1871 (SILVA, J. F., 1974. novembro. p. 221), 1877 (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 259) e enchente de 1880 (SILVA, J. F., 1974. novembro. p. 221).

25 de julho de 1877. Fortes trovoadas, a noite inteira, relâmpagos, trovões e chuvas torrenciais até a noitinha do dia 26, 29 e 30 de julho. Continuam as fortes chuvas com trovoadas, indo até o dia 2 de agosto, inclusive. Enchente. O engenheiro Corcoroca, genro do Sr. Wendeburg, morreu afogado na noite de 31 de julho, quando pretendia, vindo de cima, passar a cavalo pelas águas nas proximidades do Hermann Rüdiger. 8 de agosto. Novas trovoadas e chuvas, de forma que a ponte do Garcia estava novamente debaixo d'água. (NT: trata-se da ponte antiga, de madeira, que ficava em nível inferior à atual) (...). 23 de setembro de 1880. As águas atingiram a estrebaria das vacas e as colméias das abelhas, debaixo das laranjeiras ficaram na água. Nós buscamos as mesmas, transportando-as numa porta velha, na qual havíamos amarrado um cipó. Depois do lanche fomos buscar cana ubá no terreno da escola, tendo que passar pela água até acima dos joelhos, estando estas já no portão do nosso jardim. Johannes (NT: filho de August Müller) está ajudando Lange a elevar o sal, pois as águas já atingiram a soleira da porta. Quase que ininterruptos aguaceiros. Pelo meio dia as águas pararam de subir e baixam lentamente; novos aguaceiros e as águas retornam a subir. 24 de setembro. As águas baixam lentamente, porém, continua a chover quase sem parar. À tarde levamos o gado outra vez ao pasto. As águas baixam muito devagar. Aos poucos chegam notícias sobre o nível das águas e os estragos na sede (Stadtplatz)²⁴. 25 de setembro. H. Lange e Albert Stutzer enfrentam os obstáculos para chegarem à sede. A totalidade da sede está debaixo d'água, que atinge o balcão (sacada) da Casa da Direção (NT: prédio da antiga prefeitura). Os moradores da cidade se refugiaram, com o auxílio do vapor, nas igrejas Católica e Evangélica. As casas de Karl Rüdiger e Ludwig Weise tombaram. As de Grewsmühl e Rabe, como as de Asseburg, ameaçam ruir. Do pender o sapateiro Grasser teve várias cabeças de gado, cavalos e porcos que morreram afogados (...) (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 259-260).

As enchentes ocorridas no Vale eram sempre interpretadas pelos imigrantes como sendo intempéries do meio ambiente. O fato de Müller ser um homem dedicado às observações e pesquisas científicas ligadas à natureza o

²⁴ (Stadtplatz) Praça do centro

fez receber o título de “Príncipe dos Observadores”, dado pelo amigo Charles Darwin²⁵. Desde a sua chegada em Blumenau, em 1853, até a grande enchente de 1880, Fritz Müller não tinha feito nenhuma observação ao rio Itajaí, que merecesse a sua atenção, tanto na escolha do local onde construir a casa, como na preparação dos terrenos para o cultivo.

Na carta que enviou ao seu irmão Hermann, em 26 de setembro de 1880, Fritz Müller revelou seu descontentamento, e refletiu pela primeira vez sobre a sua escolha em permanecer nas áreas baixas, atingidas pelas enchentes:



Minha vontade é de me mudar por inteiro para o Rio Grande²⁶, já que passei a desgostar um pouco do Itajaí após a última enchente; na verdade, é mais que provável de que eu não vá viver uma outra semelhante, como talvez não a tenha sido por séculos, mas seguro não se está por nenhum dia - Na enchente de 1855, quando me encontrava na foz do Itajaí, vi ser resgatado de canoa cambaleante e debaixo de chuva torrencial um homem velho e moribundo o qual a inundação tangeu do seu leito para ser levado sobre a correnteza enfurecida. A cena deixou uma impressão terrível e inapagável em mim (...) (MÜLLER, F., 2022. p. 188-189).

Segundo o professor Ricardo Bittencourt, o pesquisador Alfred Möller²⁷, conhecido no mundo científico pelos seus estudos e suas obras sobre o reino vegetal, visitou Fritz Müller, em 1891:



Após poucos dias da minha chegada em Blumenau, já tive a oportunidade de visitar Fritz Müller na sua casa a qual naquela vez ele já habitava a anos e de cuja localização nossa pequena fotografia dá uma idéia (...) (MÜLLER, F., 2022. p. 221).

²⁵ Charles R. Darwin, naturalista britânico, autor do livro “A Origem das Espécies - 1859”, desenvolveu a teoria da evolução (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP, 2021).

²⁶ “Rio Grande” Província de Rio Grande na época do Império do Brasil.

²⁷ Alfred Möller, naturalista e professor. Alfred era sobrinho de Fritz Müller e descobriu o fungo (*Blumenavia rhacodes*), em homenagem a Blumenau quando esteve na cidade, em 1895 (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 363).



Propriedade de Fritz Müller ao lado do rio Itajaí (1891)²⁸

IA (OPENAI, 2025)

(...) .A estrada, uma simples via terrestre, que corta a fotografia, vem pela esquerda do centro urbano, afastado a meia hora, levando pela direita rio abaixo, rumo ao litoral. Estamos localizados no alto de uma série de morros bastante íngremes, paralelos à estrada, cuja encosta foi preparada para a pastagem dos gado; uma vaca pasta próxima ao seu telheiro que a protege contra o sol escaldante e trombas de água. Por um tempo também havia um cavaleiro que facilitava aos familiares as idas à cidade. Ao fundo vemos o Itajaí fluindo da esquerda para a direita (na fotografia) com uma de suas pontas muito agudas, logo abaixo da propriedade de Fritz Müller. Entre a estrada e o rio encontra-se cercado o jardim e a pequena casa de moradia de um andar, cujo telhado aponta para o verde espesso. Por mais infinitamente simples e despojada que seja esta casa, na ordem e limpeza sempre foi um modelo (MÜLLER, F., 2022, p. 221-222).

²⁸ Fotografia de Alfred Möller (MÜLLER, F., 2022, p. 221).

Karl Friedrich Julius Baumgarten 🐸

Karl Friedrich Julius Baumgarten nasceu na Alemanha. Era filho de Karl Julius Baumgarten, Pastor Evangélico graduado naquele país, com quem Dr. Blumenau se correspondia para dizer como ia o filho em sua nova vida (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 68).

Segundo Gilberto Schmidt-Gerlach, Karl Baumgarten escreveu cartas para a sua família na Alemanha, logo após a sua chegada na Colônia Blumenau, em junho de 1853:



(...) Em torno de 12 cartas escritas à sua família foram publicadas entre os anos de 1960-80 em Blumenau em Cadernos (tradução Edith Sophia Eimer). Sua primeira carta data de 28.7.1853, onde narra que sua viagem levara 58 dias e que chegara ao porto de São Francisco. Já havia comprado seu lote de terra em Blumenau, por 1.000 réis, que era de Paul Kellner que por sua vez comprara de Franz Sallentien. Batizara sua “Colônia” com o nome de Lichtenburg (cidade da região da Alemanha de onde viera). Com uma metragem de 400²⁹ morgen de Magdebur (ou 600 pela metragem de Braunschweig), estava localizada cerca de uma hora acima do Rio Itajaí, margem esquerda, próximo do Stadtplatz. Dizia ele que, por estar cerca de 10 m acima do rio dificilmente a enchente o alcançaria. A frente do terreno tinha cerca de 400 braças³⁰ e, o que era muito importante, já havia uma “confortável casa com um bom telhado de folhas de bananeiras” (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 68).

Nas cartas enviadas para a família na Alemanha, Karl Baumgarten não retratou os momentos vividos pelas enchentes na Colônia Blumenau; “O que ele não fez menção foi a questão das enchentes e os ataques dos índios. Mesmo porque, até então, somente um ataque dos índios havia acontecido (28.12.1852) e a primeira grande enchente só aconteceria em 1855” (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 75).

O estreito alinhamento do jovem Karl Baumgarten com o fundador da colônia o tornou uma pessoa de sua confiança. Baumgarten passou a ser o braço

²⁹ “400 morgen” 400 morgo: 100 hectares (1 morgo: 0,25 hectares).

³⁰ “400 braças”: 880 metros (1 braça: 2,2 metros)

direito de Hermann Blumenau e acumulou informações sobre diferentes assuntos das decisões na Colônia Blumenau, como no caso dos arrendatários de terras estabelecidos às margens do rio Itajaí, como descreveu na carta de 26 de outubro de 1853:



Von Seckendorff de Schoeningen, Von Peine de Säckte e Wenderburg de Wolfenbüttel, arrendaram terras do Dr. Blumenau. O que colherem nos próximos 5 anos será deles; depois terão que devolver a terra. Não precisam pagar nada de aluguel e Dr. Blumenau tem a vantagem de ver sua terra limpa e trabalhada. Eles moram bem em frente ao centro da cidade, na margem esquerda do rio (...) SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 72).

Na mesma carta, enviada em 26 de outubro de 1853, Karl Baumgarten cita novamente as margens do rio como o local presenteado pelo Dr. Blumenau:



Fiquei muito contente ao saber que Dr. Blumenau presenteou um fundidor de cobre com um terreno vizinho ao meu. Este terreno tem exatamente 100 morgen. É um jovem de 25 anos, humilde, bastante culto que já conhecera no navio. Ele ficará hospedado em minha casa até que possa construir sua cabana na outra margem do rio (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 72).

Após dois anos morando na colônia, Karl Baumgarten passou a ter informações sobre os planos do Dr. Blumenau, devido a sua aproximação com o fundador. Na carta de 24 de abril de 1855, Baumgarten revela que Hermann Blumenau pretendia expandir a colônia até o planalto:



Seu pedido de dinheiro ao Governo elevou-se a 140.000 mil réis. Com este dinheiro pretende construir pontes e estradas na Colônia, bem como uma estrada até Lages. Se ele conseguir esta estrada para que possamos receber o belo gado direto de lá, estará colocada a base para uma prosperidade sólida, dificilmente encontrada em outro local no sul do Brasil (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 76).

Em 1855, casou-se com a filha de Peter Wagner, um dos alemães que chegaram antes do Dr. Blumenau, oriundos da Colônia de São Pedro de Alcântara (1829). Adquiriu outro terreno, agora no Stadplatz (Rua das Palmeiras) e,

com August Pauls, abriu um espaço para servir cerveja, cachaça e outros aperitivos. Era vizinho da Casa Meyer & Spierling, onde depois seria construído o Teatro Frohsinn. Deste casamento tiveram três filhos: Hermann (que viria a ser o pioneiro da Imprensa de Blumenau com o jornal *Blumenauer Zeitung*³¹, em 1881), Inês e Julius (quando Margarethe, a mãe, faleceu no parto). Posteriormente, K. Julius viria a se casar com Augusta Rischbieter, resultando daí outros seis filhos. Baumgarten acabou por se tornar num auxiliar dedicado ao projeto do Dr. Blumenau. Exerceu as funções de Delegado de Polícia por muitos anos e de Juiz de Paz, cuidando assim da ordem e disciplina sempre reinantes na Colônia (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019, p. 68).

A família Baumgarten passou então a ajudar o Dr. Blumenau, e se juntou ao grupo de imigrantes que deram início ao aglomerado de casas no centro da colônia, local chamado pelos alemães de *Stadplatz* (Praça da Cidade). Karl Baumgarten ignorou as enchentes vividas desde o início da sua chegada e apostou integralmente no projeto de Hermann Blumenau.



Stadplatz (1864)³²

IA (OPENAI, 2025)

Avenida Dr. Blumenau (das Palmeiras). À esquerda, Meyer & Spierling. À direita, Casa da Direção. Ao fundo, cruz da Casa do Pastor (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019, p. 145).

³¹ Jornal de Blumenau (*Blumenauer Zeitung*).

³² Joseph Brüggemann, c. 1864 (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019, p. 145)

Carl Bernhard Scheidemantel 🐛

Bernhard Scheidemantel foi o primeiro fotógrafo de Blumenau. Scheidemantel nasceu em 3 de dezembro de 1834 em Braunsdorf (Estado de Sachsen-Anhalt), na Alemanha, e faleceu em Blumenau em 19 de outubro de 1908, portanto aos 74 anos incompletos. Na Alemanha, Scheidemantel fez os estudos de Tipografia e Desenho, em Leipzig. Emigrou para o Brasil em abril de 1860 e se estabeleceu na estrada do Salto (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 154).

Scheidemantel teve um papel importante naquela época, já que contribuiu com os primeiros registros fotográficos, inaugurando a vida na colônia, sob o seu olhar, como na enchente de 1888, quando fez questão de mostrar as águas entre as construções da principal rua da colônia.



Fundo da Rua das Palmeiras com enchente (1888)³³

IA (OPENAI, 2025)

Diferente de outras disciplinas das Ciências Humanas, a história, atualmente, percebe a fotografia como fonte histórica, tendo a mesma importância de um documento escrito ou relato oral. Portanto, ela deverá ser estudada, analisada e confrontada da mesma maneira que os demais documentos históricos; daí a importância do estudo de sua gênese (SILVA, C. F., 2008. p. 52).

³³ Foto Bernhard Scheidemantel (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 170).

Em 1869, era proprietário do lote 31 em Belchior (Gaspar); mais tarde instalou-se no centro de Blumenau. Cinco anos antes já exercia a profissão de Fotógrafo, pois seu Cabinet-Portrait³⁴ já produzia fotos em 1864 (SCHMIDT-GERLACH et al., 2009. p. 154).

Em 1880, Scheidemantel fotografou Gaspar, da tomada do morro onde foi construída a Igreja Matriz Católica, em 1885, no terreno pertencente ao Dr. Blumenau. A pequena comunidade, com algumas casas e comércios, estava localizada nas áreas baixas as margens do rio Itajaí.



Plano geral de Gaspar - Blumenau (1880)³⁵

IA (OPENAI, 2025)

A freguesia de São Pedro Apóstolo de Gaspar foi criada em 17.4.1861. Sua 1ª Igreja foi construída neste morro do 1º plano, pelo Eng. Dr. Krohberger e inaugurada em 29.6.1885, em terreno doado pelo Dr. Blumenau (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 219).

³⁴ “Cabinet-Portrait” (retrato de escritório). De origem francesa, o termo cabinet é usado para denominar tanto um escritório, como uma escrivaninha, tamanho: 16,5 x 11 cm (VIEIRA, L. H., 2019. p. 106).

³⁵ Foto de Bernhard Scheidemantel. Tomada do Morro da Igreja Matriz Católica. À esquerda, o rio Itajaí-Açu (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 219).

Em 1889, Scheidemantel fotografou a estrada de acesso à sua residência, no centro da colônia. Diferente dos demais imigrantes, Bernhard Scheidemantel escolheu construir a sua casa e seu ateliê em local livre das enchentes.



Plano geral sobre a Rua das Palmeiras (1889)³⁶

IA (OPENAI, 2025)

Plano geral sobre a Rua das Palmeiras. Ao centro, atual Rua Ceará. À direita, caminho para o atelier de Bernhard Scheidemantel. Ao fundo, à direita, Igreja Matriz Católica (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019, p. 168).

Para a pesquisadora Carla Fernanda da Silva, a historiadora Miriam Moreira Leite parte do princípio de que fotografia histórica é toda aquela que nos chega às mãos pronta, que já foi produzida há algum tempo em relação ao momento em que é analisada. Portanto, o historiador não vai produzir fotografias para sua pesquisa, mas analisar o que foi produzido durante o período estudado (SILVA, C. F., 2008. p. 52).

Continua Carla Fernanda da Silva: “O fotógrafo, em sua seleção de espaços, preserva a memória da cidade, consagrando determinados lugares, mas por vezes atuando como aquele que denuncia. A cidade que chega até nós é uma seleção de espaços consagrados pelo fotógrafo num primeiro momento, que de-

³⁶ Foto Bernhard Scheidemantel (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019, p. 168).

pois tornam-se parte da memória social ao serem divulgados em postais, livros comemorativos e revistas que têm o status de memória oficial da cidade” (SILVA, C. F., 2008. p. 54).

Em 1880, foi registrado o local de sua residência e seu ateliê, que ficavam próximos do centro da colônia. Na obra “Colônia Blumenau no Sul do Brasil”, a foto não indica que o autor da mesma tenha sido o próprio proprietário. Pelo ângulo do registro, as construções foram edificadas em um terreno alto, livre de enchentes.



Residência e Tipografia de B. Scheidemantel (1880)³⁷

IA (OPENAI, 2025)

Especialista e proprietário da primeira empresa de Litoimpressão, Litografia e fotografia de Blumenau (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 154).



IA (OPENAI, 2025)

³⁷ Acervo/Sammlung Hering Archiv (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 187).

Após a grande enchente de 1880, Scheidemantel fotografou algumas das principais construções no centro da colônia. Os registros foram impressos em Cabinet-Portrait, com indicação do local e o nível que as águas atingiram.

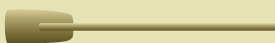


Colônia Blumenau, sede, lado oriental da rua da Alameda, a linha branca indica a altura da inundação de 23 de setembro de 1880³⁸



Colônia Blumenau, sede, lado ocidental da rua da Alameda, a linha branca indica a altura da inundação da horrorosa enchente de³⁹

^{38, 39} Bernhard Scheidemantel. Habitações - Blumenau (SC) (BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL DO BRASIL - Fotografias).



A visita inesperada à Colônia Blumenau

Robert Christian Berthold Avé-Lallemant

O médico alemão Robert Ave-Lallemant, natural de Lübeck, residiu e trabalhou no Rio de Janeiro por cerca de 17 anos. Após uma temporada na Alemanha, retornou ao Brasil quando enfim realizou a viagem ao sul do país e escreveu sua obra *Viagens para Província de Santa Catarina, Paraná e São Paulo*, em 1858 (SANTOS, M. P. R. T., 2004. p. 28).

No 2º volume de “Reise Durch Süd-Brasilien” (Viagem pelo Sul do Brasil), editado em Leipzig, 1859, com tradução (pelo INL, Rio de Janeiro 1953) de Teodoro Cabral, no 3º Capítulo, após passar por Desterro ele descreve a viagem ao Itajaí e à Colônia Blumenau (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 90).

Avé-Lallemant encontrou Dr. Blumenau na casa de Sallentien em julho de 1858, em Itajaí (Barra do Itajaí), oito anos após a fundação da Colônia Blumenau. Hermann Blumenau voltava do Rio de Janeiro e aguardava para subir o rio Itajaí até a colônia, e, nesse tempo de espera, Avé-Lallemant percebeu que Dr. Blumenau estava preocupado com o desenvolvimento da colônia:



Mas o que, então, me regozijou especialmente foi a circunstância de encontrar, em casa do senhor Sallentien, meu velho amigo Dr. Blumenau, o fundador da Colônia do mesmo nome no Itajaí. Aca-bava de regressar do Rio de Janeiro, onde tentara despertar novo inte-resse do Governo nacional pela sua Colônia e queria subir o rio na manhã seguinte (...). Sem embargo, desta vez o meu velho amigo Dr. Blumenau não estava tão entusiasmado com seu empreendimento colonial como eu o vira anteriormente no Rio de Janeiro. Falou-me de muitas dificuldades, cuja remoção não depende apenas de suas próprias forças e energias e vão muito além dos domíni-os de sua boa vontade, decerto a melhor possível (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 90).

Avé-Lallemant tinha a intenção de escrever um livro após visitar os estados do sul do Brasil, e, de forma irônica, comenta que conhecia a Colônia Blumenau, por meio do livro *Colônia Blumenau*,⁴⁰ escrito pelo fundador, Hermann Blumenau, lançado em 1856:



Não posso dar aos meus leitores, aqui, nenhuma história da funda-ção e desenvolvimento da Colônia alemã do Itajaí. Já o fez sufici-entemente o Dr. Blumenau em seu livrinho *Deutsche Colonie Blu-menau u.s.w.* (Rudolfstadt, 1856, impressão e edição de G. Fröbel). Tenho de limitar-me à minha visita àquela Colônia e a dar singela-mente o meu parecer sobre o empreendimento, tal qual o posso ver (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 90).

Navegando sobre o rio Itajaí, a caminho da Colônia Blumenau, Dr. Blume-

⁴⁰ BLUMENAU, Hermann. *Deutsche Colonie Blumenau Inder Provinz Santa Catharina in Süd-Brasi-lien, Bericht bis Juni 1855 und Auffordeung zum Anschluss; nebst Bermerkungen über deutsch-bra-silianische Kolonization im Allgemeinen, Beschreibung des Itajahy-Gebietes und einer Karte.* Ru-dolfstadt. Fröbel, 1856.

nau e o médico viajante passaram por Ilhota e pernoveram em Gaspar, na casa da família Schramms, onde Avé-Lallemant observou as marcas da última enchente, de 1855:



(...) Na casa de Schramm vi a marca da enchente de 1855, a maior de todas. O rio deve ter subido uns 40 pés (12m). É quase incrível que as águas se tenham estendido até o ponto marcado. Os moradores mal tiveram tempo de sair das casas e refugiar-se nas matas próximas para assim salvarem suas vidas (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 91).

Depois de viajar um dia e meio dentro de uma canoa, em companhia de Hermann Blumenau, Robert Avé-Lallemant finalmente chegou à Colônia Blumenau, e descreveu as suas primeiras impressões:



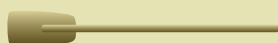
A Cidade de Blumenau tem muito boa vontade de tornar-se Cidade. Por ora, falta-lhe tudo o que constitui uma Cidade. De Igreja, Casa da Câmara e outros edifícios públicos não se vêem sequer vestígios e são tão poucas as casas no caminho, que involuntariamente se pergunta: mas onde fica a cidade? (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 92).

Após permanecer seis dias na colônia, andando por todos os cantos, visitando e conversando com os imigrantes, percorrendo a pé a mata e navegando pelo rio acima até os últimos moradores, o médico viajante se despediu com alguns questionamentos, entre eles a cultura de ocupação das margens do rio Itajaí, que tinha se instalado na região pelos antigos moradores e incentivada por Dr. Blumenau:



E como acontece que, depois de ter Dr. Blumenau estimulado vivamente, dentro de certos limites, a cultura das magníficas margens do rio e iniciado e levado a certo desenvolvimento uma cultura efetiva, subitamente começa certa estagnação, uma vacilação e estiolamento da nova empresa? (...) (SCHMIDT-GERLACH et al. p. 95).

Neste ponto, Avé-Lallemant deu pistas de que o empreendimento do Dr. Blumenau visava a especulação comercial, desconsiderando os riscos e perigos de permanecer às margens do rio Itajaí e seus afluentes.



OS NEGÓCIOS DO DR. BLUMENAU

Hermann Bruno Otto Blumenau

Hermann Bruno Otto Blumenau, nascido na cidade de Hasselfelde, então ducado de Brunswick, na Alemanha, tinha 27 anos quando chegou ao Brasil pela primeira vez, em meados de 1846. Seu primeiro destino foi a cidade de Rio Grande, na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, onde pôde observar a situação da imigração e colonização alemã na região. Este seu interesse não era recente. Desde 1842, quando trabalhava como farmacêutico na cidade de Erfurt, ele fizera contatos com intelectuais e políticos na Europa, entre eles os naturalistas Alexander von Humboldt, Johann Friedrich Theodor Müller e Karl Friedrich Philipp von Martius, que despertaram nele as ideias de emigrar (BULL, V. N., 2014. p. 28).

Dr. Blumenau

O mito

A historiadora Carla Fernanda da Silva descreve que “Ferreira da Silva,⁴¹ em sua trajetória como historiador, elabora sua escrita em torno da exaltação do mito de fundação da Colônia Blumenau, mito este construído em torno de Hermann Blumenau como idealizador da Colônia, o visionário alemão, o bravo e destemido homem que se aventurou nas selvas brasileiras para transformá-las num mundo civilizado. Ao lado deste, os primeiros imigrantes, aqueles que acreditaram na construção de um novo mundo além do Atlântico. A idealização desta fundação, cercada pelo imaginário, fez-se presente de forma constante no texto e fala de Ferreira da Silva, cuja a repetição pretendia a eternização do mito. Seu texto - que relembra o fundador e suas dificuldades - traz para o presente continuamente este instante da história, fazendo deste o motivo para o “progresso” do município. É importante que a comunidade não esqueça sua origem, buscando nesta o sentido do seu presente” (SILVA, C. F., 2008. p. 60).

⁴¹ José Ferreira da Silva nasceu em Tijucas – SC, seu pai era natural de Portugal e sua mãe nascida em Berlim – Alemanha. Em seus escritos não encontramos referência a sua mãe, mas o autor falava e escrevia o alemão, tendo traduzido a biografia de Hermann Blumenau, de sua autoria, para o alemão. Também traduziu os escritos do viajante J.J. von Tschudi, “Viagens pelas colônias alemãs da província de Santa Catarina”. Seus livros e a Revista Blumenau em Cadernos demonstram seu entusiasmo e admiração pela colonização alemã, assim como a exaltação de seus pioneiros (SILVA, C. F., 2008. p. 19).

Hermann Blumenau
O homem de negócios

Blumenau, desde sua chegada ao Brasil, reiterara por várias vezes que havia no país, sobretudo no sul, uma significativa valorização dos preços dos terrenos e lotes. Tanto que a primeira providência tomada em 1848, foi de adquirir terras, talvez, por aconselhamento do Visconde de Abrantes⁴², que que o instruiu a prontamente comprá-las, pois o preço subia muito. Assim, em 1848, em sociedade com Hackradt, ele comprou "um complexo de terras de bom tamanho", fazendo um negócio considerado "uma aquisição vantajosa". As terras mediam 5.400 alqueires (1300 hectares) e localizavam-se na margem sul do Itajaí; começando da localidade "Salto" estendiam-se, seguindo o rio, por uma "hora de viagem". A esta porção, somavam-se outros dois lotes próximos que também havia adquirido e as terras cedidas pelo presidente da província (BULL, V. N., 2014. p. 82).

⁴² Miguel Calmon du Pin e Almeida. Título mais elevado: Marquês de Abrantes. Lista de chefes de postos com títulos nobiliárquicos (FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO, 2021. p. 49).

Para entender o papel de empreendedor de Hermann Blumenau na constituição de sua colônia, é necessário observar as especificidades e a dinâmica da colonização na província catarinense, que era controlada pela Lei Provincial nº 49⁴³, composta por 19 artigos, que regulamentava a colonização na província, a qual poderia ser feita por “empresas, quer por Companhias, quer individualmente, tanto a nacionais, como a estrangeiros” (Artigo 1º), sob algumas condições: os empreendedores devem escolher terras devolutas⁴⁴ para estabelecer suas colônias, e tais terras deveriam ser distribuídas de acordo com o núcleo familiar, isto é, “duzentas braças⁴⁵ de frente por cada colono solteiro; duzentas e cinquenta, sendo casado sem filhos, trezentas e cinquenta, sendo casado com um até três filhos; quatrocentas, sendo casado com mais de três filhos, todas com mil braças de fundo” (...) (DECHAMPS. M. L. O., 2015. p. 46).

O sistema de colonização do Dr. Blumenau previa a ocupação de áreas às margens do rio Itajaí, mas o cálculo adotado por Hermann ignorava a orientação estabelecida pela Lei Provincial nº 49, de 15 de junho de 1836, segundo do a pesquisadora Vanessa Nicoceli Bull:



(...). A distribuição de terras se daria pela entrega de 50 até 75 mil braças quadradas a cada pai de família. Os que procuravam extensões maiores, e possuíam recursos para adquiri-las, comprariam terras já cultivadas às margens do rio Itajaí, próximas à colônia. Blumenau afirmou ainda que a cada légua quadrada seriam destinados terrenos para lotes pequenos e para a instalação de estabelecimentos públicos, como escolas e igrejas (BULL, V. N., 2014. p. 92).

⁴³ SANTA CATARINA (Prov.). Lei nº 49 de 15 de junho de 1836. Coleção de Leis da Província de Santa Catarina de 1835/1840.

⁴⁴ Lei nº 601/1850 (Lei de Terras) Art. 3º São terras devolutas:
§ 1º As que não se acharem aplicadas a algum uso público nacional, provincial ou municipal.
§ 2º As que não se acharem no domínio particular por qualquer título legítimo, nem forem havidas por sesmarias e outras concessões do Governo Geral ou Provincial, não incursas em comissos por falta do cumprimento das condições de medição, confirmação e cultura.
§ 3º As que não se acharem dadas por sesmarias, ou outras concessões do Governo, que, apesar de incursas em comisso, forem revalidadas por esta Lei (MIRANDA, N. R., 2011. p. 159).

⁴⁵ “200 braças” 440 metros (1 braça: 2,2 metros).

Acrescenta Vanessa Nicoceli Bull que, ao reduzir o tamanho dos lotes, Hermann Blumenau incentivou a permanência dos imigrantes nas proximidades do rio Itajaí e seus afluentes:



Ao prever lotes de 50 até 75 mil braças quadradas para cada família, Blumenau alterava substancialmente as determinações da lei quanto ao tamanho dos lotes destinados aos imigrantes. De fato, o proprietário registrou que faria a demarcação das terras concedidas pelo governo em "conformidade das leis da província", mas que começaria a distribuição de terras aos imigrantes pelas áreas que havia adquirido por compra, as quais não estavam sujeitas às normas impostas pelo poder público. Como ele considerou, estas eram próximas do rio, o que facilitaria a instalação dos primeiros colonos (BULL, V. N., 2014. p. 92).

Hermann era um homem de negócios e a disponibilidade de dinheiro era fundamental para dar continuidade ao projeto de colonização. Segundo a pesquisadora Mariana L. O. Dechamps, Dr. Blumenau mantinha influência na administração, o que o ajudou na aprovação dos empréstimos junto ao Governo Imperial:



A cada petição apresentada, Hermann Blumenau apresentava “garantias reais e morais”, dizia ser de reputação honesta, conhecedor das circunstâncias que envolviam a colonização no Brasil e a emigração na Alemanha, além de comentar as relações que possuía com pessoas influentes, como Alexander von Humboldt por exemplo as quais emprestavam seu nome e seu prestígio para o peticionário. Suas investidas para pedir auxílio eram feitas de acordo com os “códigos costumeiros daquela sociedade, para que um indivíduo fosse considerado digno de uma concessão do poder público, ele deveria apresentar determinados atributos que o atestassem como um cidadão distinto” (DECHAMPS. M. L. O., 2015. p. 55).

Os empréstimos realizados por Hermann Blumenau junto ao Governo Imperial deixaram o empreendedor alemão com as mãos amarradas e o obrigaram a acelerar a ocupação das áreas que foram doadas para a formação da colônia:



(...). Em 1851 ocorreu o primeiro empréstimo, em 1855 houve o empréstimo de 85 contos de réis⁴⁶e, por fim, um outro tipo de contrato se deu em 1860, o qual transferiu a Colônia Blumenau para a responsabilidade imperial (...). “O Governo Imperial reconheceu a situação e foi solidário, concedendo-me um empréstimo de 10 contos de réis para a continuação da obra iniciada”. Este foi o valor do primeiro contrato de Hermann Blumenau com o Governo Imperial, firmado em 21 de fevereiro de 1851 (DECHAMPS. M. L. O., 2015. p. 56).

Como previu o médico viajante Robert Avé-Lallemant, na sua visita à Colônia Blumenau, em 1858, o empreendimento do Dr. Blumenau estava arrastando os imigrantes para as áreas às margens do rio Itajaí, e sua empresa já apresentava sinais de estagnação, obrigando o Império a tomar o controle da colônia, pelo não cumprimento dos empréstimos financeiros contraídos pela empresa de Hermann. Para Vanessa Nicoceli Bull, Dr. Blumenau não adotava critérios técnicos para a instalação dos imigrantes e suas decisões eram baseadas exclusivamente para proporcionar a valorização de suas terras:



Todos os registros mencionados indicam que a forma de introdução dos imigrantes na colônia era feita segundo intervenção direta de Hermann Blumenau. O empreendedor definia o tamanho dos lotes a serem fixados, os indivíduos e as famílias, o valor a ser cobrado – até mesmo à revelia da lei. Como administrador e proprietário da colônia, Blumenau podia definir a venda de lotes, presentear pessoas, estipular o preço e tamanho dos lotes, escolher os imigrantes e designá-los para áreas específicas. Eram seus critérios que definiam a forma de desenvolvimento da colônia, sempre visando promover a valorização das terras (BULL, V. N., 2014. p. 98).

O Governo Imperial tratou os empréstimos a Hermann Blumenau com cautela e exigiu garantias, como a penhora de terras, e exigências, entre elas, ao fornecimento de relatórios informando o andamento das atividades da Colônia Blumenau, segundo a pesquisadora Mariana Luiza de Oliveira Dechamps:

⁴⁶ Rs 85:000\$000 (85 contos de réis). Rs 1:000\$000 (um conto de réis: um milhão de réis) (BANCO CENTRAL DO BRASIL, 2004. p. 16).



Para o empréstimo de dez contos de réis Hermann Blumenau hipotecou terras as margens do rio Itajaí-açu, e responsabilizou-se por importar 50 colonos no prazo de dezesseis meses; 100 colonos em dois anos e ao final do terceiro ano deveria ter importado ao menos 200 colonos alemães (Artigo 6º). Por se tratar de um empreendimento em sua fase inicial, havia uma evidente dependência da entrada de imigrantes naquele momento para a concretização da colônia (...). Outra exigência – pensada como uma forma de supervisão e fiscalização – era o compromisso assumido por Hermann Blumenau de enviar a cada seis meses, uma “exata e fiel exposição do estado da colônia” (Artigo 4º). É a partir desta demanda que foi iniciada a tarefa de escrever relatórios pelo administrador da colônia (...) (DECHAMPS. M. L. O., 2015. p. 57).

1855, ano do segundo empréstimo de 85 contos de réis, foi marcado pela grande enchente que ocorreu na Colônia Blumenau. Segundo Débora Bendocchi Alves, o imigrante Friedrich Ernst Weise escreveu carta⁴⁷ aos familiares sobre a cheia de 1855, destacando as áreas mais atingidas:



No dia 17 de novembro começou a chover tão forte que, na tarde seguinte, o nível normal da água já havia ultrapassado 34 pés⁴⁸ e dos lados da cidade ressoavam até aqui, tiros de alarme e de perigo. Duas horas mais tarde, a água nos levou casa e terreiro. Perdemos entre outras coisas, um estoque de milho no valor de 200 mil réis, e na horta o lodo atingiu a altura de 2 pés. Felizmente havia uma dependência, a 20 pés de altura, onde deveria ser instalada uma máquina de mandioca. Lá pudemos salvar algumas coisas até que a água nos impediu a passagem. As colônias mais atingidas foram as localizadas perto das margens do Itajaí (...) (ALVES, D. B., 2000. p. 71).

⁴⁷ Carta de 24 de maio de 1856, publicada por Günther Fröbel, fundador do Jornal Geral de Emigração (Allgemeine Auswanderungs-Zeitung), no folhetim “Der Pilot n.º. 32”, em 11 de agosto de 1857. As cartas dos emigrantes, publicadas nesses jornais especializados, eram usadas como veículo de propaganda para incentivar os alemães a emigrarem para um determinado país. Essas cartas gozavam da confiança dos leitores, pois eram consideradas testemunhas de experiências vividas que não mascaravam outros interesses. Tinham o caráter de uma carta pessoal, em que o emigrante escreve aos seus familiares e amigos narrando algo dos fatos ocorridos as suas impressões sobre o novo país adotado por ele (ALVES, D. B., 2000. p. 68).

⁴⁸ 34 pés (11,9 metros). 1 pé: 0,35 cm

Após a enchente de 1855, a Colônia Blumenau começou a colecionar prolemas, Hermann Blumenau via-se a fazer contas e cálculos para poder cumprir o seu contrato com o governo, segundo afirmava em seu relatório do ano de 1857, mas ao fim apontava “uma absoluta impossibilidade” de sustentar a colônia e “enfim, cumprir as obrigações a que me comprometi e sujeitei para com o Governo Imperial” (DECHAMPS. M. L. O., 2015. p. 63).

Em 1859, doze anos após a sua primeira viagem de reconhecimento do rio Itajaí, em companhia de seu sócio, e depois de ter passado por quatro enchentes e estabelecido centenas de imigrantes nas margens do Itajaí e seus afluentes, Hermann Blumenau simplesmente resolveu encerrar suas atividades como empreendedor. Segundo Mariana Luiza de Oliveira Dechamps, o resultado do encerramento da sua colônia particular foi um bom negócio para o alemão:

Em 1859 Hermann Blumenau entregava na corte do Rio de Janeiro um inventário aproximado de tudo o que estava estabelecido na Colônia Blumenau, desde as terras, estradas, edifícios construídos. O levantamento era necessário para dar início ao encampamento da colônia pelo governo imperial (...). O contrato de cessão da colônia foi selado entre as partes em 13 de janeiro de 1860, pelo qual foram entregues 20 léguas⁴⁹ quadradas de terra, no valor de 120:000\$000, sendo deduzidos Rs.85:000\$000 (Artigo 2º), os quais Hermann Blumenau era devedor, e a partir daquela data, segundo o terceiro Artigo, foram rescindidos todos os contratos anteriores e saldadas as dívidas. Ademais, o empreendedor Hermann Blumenau obrigava-se, pelo 5º Artigo, “a prestar nela os serviços que o governo imperial dele exigir, na qualidade de diretor, ou de auxiliar de diretor, mediante gratificação não superior a Rs.4:000\$000 por ano”. Blumenau liquidou suas dívidas, recebeu como troco 35 contos de réis e, ainda, assumiu o emprego público de diretor. De fato, um acerto bastante favorável, tendo em vista que Blumenau finalizava a negociação com um contrato regular de trabalho com salário fixo, sem dívidas e 35 contos no bolso (DECHAMPS. M. L. O., 2015. p. 64).

A partir de 13 de janeiro de 1860, a Colônia Blumenau passou a ser uma Colô-

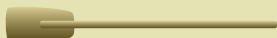
⁴⁹ 20 léguas quadradas: 120.000 m². 01 Léguas: 6.000 metros (SILVA, J. R. N., 2016. p. 49).

nia Imperial, com Dr. Blumenau como diretor. No período em que ficou responsável pela direção da colônia, Hermann começou a ter problemas com membros do Governo Imperial, entre eles o Engenheiro Luis Manoel de Albuquerque Galvão, responsável pela confecção de relatórios sobre a situação de colônias públicas para o Ministério da Agricultura. Conforme Vanessa Nicoceli Bull, no relatório apresentado por Galvão em 9 de março, publicado no diário oficial nº 156, de 6 de julho de 1871, consta que Dr. Blumenau mantinha negócios com Ferdinand Hackradt, seu antigo sócio e fundador da Colônia Blumenau:



Ele informa que seu antigo parceiro - com quem havia rompido sociedade no início da década de 1850 - continuava de certa maneira envolvido nos negócios da colônia. Hackradt era comerciante em Desterro e possuía uma procuração para receber as remessas de recursos do governo da província e destiná-los à diretoria colonial. Segundo Galvão relatou, Blumenau só receberia as verbas públicas se houvesse disponibilidade do procurador para converter os títulos em dinheiro para direcionar a colônia. Como isso nem sempre ocorria com rapidez, relatou o diretor, as vezes precisava adiantar quantias com comerciantes locais. Eram essas transações - consideradas "sem ligação com o governo" - que, segundo ele, estavam escrituradas em alemão (BULL, V. N., 2014. p. 147).

Hermann Blumenau continuou até 28 de janeiro de 1882 à frente da colônia, que, neste tempo, contava com 16.380 habitantes. Quando, por ofício da Presidência da Província, foi dispensado do cargo, o núcleo já havia sido emancipado e elevado à condição de vila, que foi efetivamente instalada em 1883. Blumenau passou os livros de registros e documentos da colônia à futura Câmara Municipal, que havia sido eleita em 1882, presidida por Henrique Flores Filho, e, com este ato, encerrou a sua atuação junto ao núcleo, agora convertido em município (...). Antes de partir definitivamente para a Alemanha, Hermann Bruno Otto Blumenau vivenciou, em 1880, mais uma enchente das águas do rio Itajaí (...) (BULL, V. N., 2014. p. 185).



A OCUPAÇÃO DAS MARGENS DOS TRÊS RIOS NO ALTO VALE DO ITAJAÍ

Francisco Frankenger

Francisco Frankenger foi o primeiro imigrante alemão a se fixar no Alto Vale do Itajaí, na localidade conhecida como Braço do Sul (hoje Rio do Sul), em 7 de setembro de 1892, iniciando, assim, a colonização desta localidade, conforme relatório final sobre o início da colonização (1992) e Lei n. 3.403. Francisco nasceu em Hilbershausen, Comarca de Wuerzburg, na Baviera, Alemanha, no dia 4 de outubro de 1856. Ocupou ali o cargo de Buergermeister (Prefeito). Vem para o Brasil, faz contato com o Padre José Maria Jacobs, Pároco de Blumenau, de quem se torna um grande amigo. Chegou a substituir o Padre algumas vezes nos encontros paroquiais de domingo. Convidado pelo Padre Jacobs, no início dá aulas na Escola São Paulo, de Blumenau, onde permaneceu durante três anos. Francisco Frankenger foi visitar o Alto Vale do Itajaí, onde adquiriu terras que pertenciam ao Estado de Santa Catarina. Foi o lote nº 72, na localidade de Matador, localidade que alguns anos mais tarde os imigrantes alemães e descendentes vão chamar de Bella Alliança, pela união dos rios Itajaí do Sul e Itajaí do Oeste, formando o rio Itajaí-Açu naquela localidade (DAGNONI; WARTHA, 2011. p. 25).

Francisco Frankenger
O diário

A iniciativa que Francisco Frankenger teve de escrever um diário⁵⁰ nos possibilita pensar na consciência do momento histórico que ele estava vivendo. Talvez o imigrante alemão quisesse deixar um relato sobre os acontecimentos da época em terras brasileiras. Nas curtas anotações que fez, entre 1890 e 1900, Frankenger descreveu o cotidiano sem abrir espaço para suas próprias fantasias ou sonhos, se empenhando somente em resumir tudo de forma simples, direta e objetiva. As referências feitas ao meio ambiente, a partir do interesse pelo clima, os animais, as plantas e os rios, demonstram um homem descontraído, diferente dos demais imigrantes, que tinham como objetivo manter os hábitos e a cultura estrangeira. Essa opção fica ainda mais clara após se estabelecer no Alto Vale do Itajaí em 1892 (PIAZERA et al., 2023. p. 46).

⁵⁰ FRANKENBERGER, Francisco. Diário de Francisco Frankenger. 1890 -1900. Arquivo Público Histórico de Rio do Sul. Coleção de Dossiê Alto Vale do Itajaí.

Com a expansão da Colônia Blumenau, e com a intenção de alcançar o planalto, em 1863 foi organizada uma expedição, liderada pelo Engenheiro Emil Odebrecht, para percorrer as terras do Alto Vale do Itajaí. Os trabalhos encerraram em 1874, com a construção de uma picada que ligava Blumenau a Curitiba. Nessa época, a região de Rio do Sul localizava-se entre as duas cidades. Segundo os pesquisadores botânicos Padre Raulino Reitz e Roberto Miguel Klein:



A região de Rio do Sul era ainda floresta inhospita, dominada pelo sanguinário botocudo. Urgia ligar com uma estrada a colônia de Blumenau com as cidades serranas de Curitiba e Lajes. Em 1863, o engenheiro Emílio Odebrecht, de Blumenau, realizou a primeira penetração pelo Vale do Itajaí, a montante do rio, chegando até a confluência dos rios Itajaí do Sul e Itajaí do Oeste. Não acusou diário nenhuma residência neste trajeto além da Barra do Rio Benedito onde se ergue a cidade de Indaial. Retornando desta penetração fez outras no ano seguinte, alcançando Lajes e Curitiba. Obteve assim elementos para, em 1867, abrir a picada que ligou Blumenau ao planalto. Esta, em 1874, foi transformada em picadão. Somente, em 1894, a estrada construída pelo Governo do Estado alcançou Lajes. Em 1903, com o estabelecimento da primeira casa comercial, na atual cidade de Rio do Sul, a povoação recebeu o nome de Bela Aliança que, em 1930, pela elevação à sede de município recebeu o nome de Rio do Sul. Bela Aliança iniciou sua vida própria com a construção, pelo Governo do Estado, em 1908, da estrada de rodagem que sobe o Rio Itajaí do Sul até Alfredo Wagner (ex-Barracão), e mais, quando o mesmo governo prolongou, em 1911, a estrada para Trombudo, que, respectivamente, em 1919 e 1921, foi continuada para Lajes e Taió (REITZ; KLEIN, 1963. p. 13).

Para o professor Ilson Paulo Ramos Blogoslawski, o processo de colonização do Alto Vale do Itajaí teve início com a chegada de Francisco Frankenger à Colônia Matador, em 1892:



A Colônia do Ribeirão Matador, situada no Distrito de Bela Aliança, no Alto Vale do Itajaí, começa a sua colonização com a vinda de Francisco Frankenger, em 1892. Em 1896 vêm Hermann Fuchs, Johan Heinrich Kopelke, Willy Hering em 1905, Wilhelm Klar, Ferdinand Schlup em 1912, Alfred Swarowsky em 1916, Hans Kroeger e outros imigrantes (BLOGOSLAWSKI, 2000. p. 20).

No diário escrito em alemão, entre os anos 1890 e 1900, Francisco Frankenberg deixou pistas da chegada dos primeiros moradores no Alto Vale do Itajaí. Segundo Victor Lucas⁵¹, que teve acesso ao documento em 1975, o diário revela em detalhes o cotidiano da vida do imigrante alemão, desde a sua chegada em Blumenau, em 1890, à compra do lote n.72, na localidade de Matador, atual município de Rio do Sul, até o dia 31 de dezembro de 1900, quando parou de escrever (PIAZERA et al., 2023. p. 36).

Entre 1890 e 1900, Frankenberg relatou em seu diário a ocorrência de cinco enchentes. Em 1891, refere-se ao período em que morava em Blumenau, pois somente em setembro de 1892 fixou residência no Alto Vale do Itajaí. Escreveu diariamente sobre os fatos ocorridos na colônia e região:

outubro/1891

06/10 - 3ª. Coberto, chuvoso, enchente cerca de 5 metros. Oh pobre, não penses que os ricos não estejam sem cruz

agosto/1897

09/08 - 5ª. Limpo e bonito com vento-Leste. O bueiro em Lontras foi levantado pela enchente.

maio/1898

02/05 - 2ª à noite forte trovoadas, nublado, coberto, nublado. Enchente (nível do rio) quase 8 mtr.

setembro/1899

16/09 - Sá neblinoso, claro, nublado com forte vento-Sudoeste.

Deixei a carroça com Christen devido à enchente

outubro/1899

24/10 - 3ª coberto, nublado, à noitinha e de noite violenta trovoadas.

Paramos 2 dias no Rio do Bugre devido à enchente (FRANKENBERGER, F., 1890-1900. p. 2-72-82-101-102).⁵²

⁵¹ LUCAS, Victor. Francisco Frankenberg “Relíquias Históricas”. Blumenau: Blumenau em Cadernos. Tomo XVI - Nº10/Fundação Casa Dr. Blumenau, 1975. Victor Lucas é trinetos de Adam Lukas, que chegou em São Pedro de Alcântara em 01/03/1829, considerado o primeiro imigrante alemão em Santa Catarina. O museu onde encontra-se arquivado o diário de Francisco Frankenberg, recebeu o nome do escritor em sua homenagem “Museu Histórico Cultural Victor Lucas”.

⁵² Diário de Francisco Frankenberg traduzido para o português. O documento original, escrito em alemão, encontra-se no acervo do Museu Histórico e Cultural Victor Lucas, em Rio do Sul, SC.

A procura por áreas às margens de rios e ribeirões pelos imigrantes que se instalaram no Alto Vale do Itajaí seguiu o exemplo dos moradores da Colônia Blumenau, como descreve Ilson Paulo Ramos Blogoslawski:



Uma família que se destacou foi a do senhor Johan Heinrich Kopelke. Ele nasceu em 22 de agosto de 1860, em Blumenau. Aos dezesseis anos de idade, na cidade de Indaial, inicia sua atividade profissional como aprendiz de marceneiro. Em Indaial, auxilia nos serviços de medições de terras de colônias vizinhas aprendendo essa profissão. Quando vem em 1896 junto com o Sr. Hermann Fuchs para a colônia Matador, no Alto Vale do Itajaí, ficam alojados na residência de Francisco Frankenberger. Johan adquire uma área de terras que abrange as margens do Ribeirão Matador e se estende até o cemitério evangélico da comunidade. Contudo, sua principal atividade é a marcenaria. Assim ele se torna o primeiro marceneiro de Matador, para onde traz a família somente no ano 1902 (BLOGOSLAWSKI, 2000. p. 36).

Além das Sociedades Colonizadoras (concessionárias), que se instalaram no Alto Vale do Itajaí com o objetivo de negociar terras devolutas com o Governo do Estado, em troca de abertura de estradas e construções de pontes, juntaram-se empreiteiros particulares, como o morador da Colônia Matador, Willy Hering, descreve Max Tavares D'Amaral:



(...). A colonização, porém, tomou vulto, com a constituição da Sociedade Colonizadora “Feddersen, Reif, Jensen” e mais tarde pela ação do “Sindicato Agrícola do Município de Blumenau”, organizado em 1910, com o objetivo precípuo de fomentar a agricultura e a pecuária em todo o território da grande comuna. Essas empresas se tornaram, em geral, concessionárias de terras em pagamento de estradas construídas nessa zona do “Hinterland”⁵³ catarinense, tendo prestado excelentes serviços ao Estado. O trabalho colonizador dessas empresas particulares é de juntar-se à atividade dos empreiteiros e construtores de estradas, como Victor Gaertner, Henrique Reuter, Gottlieb Reif, Willy Hering e tantos outros desbravadores (D'AMARAL, 1950. p. 52).

Em 1911, logo após a chegada das concessionárias de terras, uma grande enchente atingiu o Alto Vale, Médio Vale e o Vale do Itajaí.

⁵³ “Hinterland” (Sertão).



Braço do Sul (Rio do Sul), enchente de 1911⁵⁴

IA (OPENAI, 2025)

⁵⁴ Acervo: Arquivo Público Histórico de Rio do Sul (DAGNONI; WARTHA, 2011. p. 108).



Rio do Sul antes da passagem do Capitão Pinto, em 1857⁵⁵

IA (OPENAI, 2025)

(...) . Obedecendo a uma lógica de assentamento que se pode classificar como "urbanismo espontâneo", a ocupação se dá ao longo dos três rios onde se formam os primeiros bairros da cidade: Matador, Santa Galo, Itoupava e o atual Jardim América (...) (KLUG; DIRKSEN, 1999. p. 126).

⁵⁵ Em 1857, a colônia de Blumenau recebeu a visita do Capitão Pinto, que, partindo da Colônia Militar de Santa Tereza (Alfredo Wagner), seguiu às margens do rio Itajaí do Sul até o encontro com o rio Itajaí-Açu, chegando à colônia alemã (GOULARTI FILHO, 2018. p. 11) (ilustração).



DA SERRA GERAL ATÉ O LITORAL

Bacia do Rio Itajaí

O Rio Itajaí está dividido em seis principais bacias de rios afluentes e a sua própria bacia constituída pelas áreas incrementais entre esses afluentes. O Rio Itajaí do Oeste e o Rio Itajaí do Sul nascem na Serra Geral e atravessam a margem ocidental da bacia no sentido sul ao norte (altitude 1000 a 1800 metros), e encontra-se com o Rio Itajaí-Açu na cidade de Rio do Sul, que é a maior cidade do Alto Vale, onde propriamente se inicia o Rio Itajaí-Açu. No Médio Vale o Rio Itajaí-Açu se encontra com o Rio Itajaí do Norte, em Ibirama, absorve o Rio Benedito em Indaial e, no baixo vale, encontra-se com o Rio Luiz Alves em Ilhota e Rio Itajaí Mirim em Itajaí, seguindo para o Oceano Atlântico (ESTADO DE SANTA CATARINA, 2011. p. 1).



Bacia do Rio Itajaí⁵⁶

⁵⁶ Rios que formam a Bacia do Itajaí (ilustração)

As Barragens do Alto Vale do Itajaí 🐸

Após a inauguração da primeira barragem, em 1973, a barragem Oeste, na cidade de Taió, e, posteriormente, em 1976, a barragem Sul, em Ituporanga, e, finalmente, em 1992, a barragem Norte, em José Boiteux, a população, e principalmente os governantes da época, depositaram total confiança nas construções em concreto armado, que tinham como objetivo reter as águas das chuvas nas cabeceiras da Bacia do Rio Itajaí.

A falta de conhecimento sobre o funcionamento das barragens nos faz pensar que as próprias barragens foram as causadoras da ocupação de áreas de risco e áreas alagadas nos municípios do Alto Vale do Itajaí.

Segundo o Estudo Preparatório para o Projeto de Prevenção e Mitigação de Desastres da Bacia do Rio Itajaí, o total da área de drenagem dessas três barragens soma 4.633km², equivalente a 31% da área total da Bacia do Rio Itajaí:



Calculando a chuva equivalente de cada reservatório, a chuva equivalente ($\text{= capacidade do reservatório} / \text{área de drenagem}$) da barragem Norte é 154 mm e é relativamente grande. Isso significa que a capacidade do reservatório da barragem Norte, comparado com a área de drenagem é bastante grande, mesmo chovendo intensamente o reservatório não ficará cheio e o risco de transbordamento pelo vertedouro é pequeno (ESTADO DE SANTA CATARINA, 2011, p. 5).

O estudo aponta que a capacidade de contenção de chuva das barragens Oeste e Sul é equivalente a 70 e 80 mm de chuvas, próximo da metade da capacidade da barragem Norte:



Portanto, os reservatórios dessas duas barragens ficam facilmente cheios, principalmente o reservatório da barragem Oeste que encheu em 2001 e 2010 e houve transbordamento pelo vertedouro. A causa do transbordamento da barragem Oeste é que o volume de chuva que cai na área de drenagem é

maior do que o volume que cai na área de drenagem da barragem Sul durante as enchentes, além da menor capacidade de escoamento da vazão durante a enchente (ESTADO DE SANTA CATARINA, 2011. p. 5).

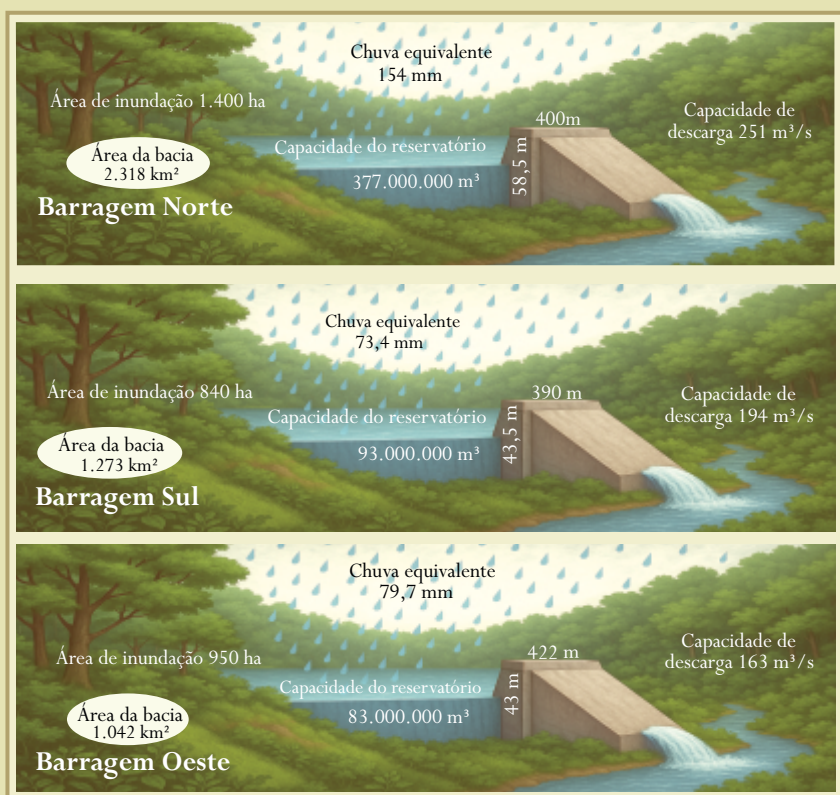
Segundo os botânicos Padre Raulino Reitz e Roberto Miguel Klein, na obra “O Reino Vegetal de Rio do Sul”, publicado em 1964, no município de Rio do Sul a variação anual das chuvas na região é de 1.278,1 mm, conforme dados coletados em 16 anos de estudo:

Chuva anual - Os dados das normais pluviométricas de Rio do Sul dos anos 1941 - 1956 são os seguintes:	
Janeiro	150,4
Fevereiro.....	155,4
Março.....	116,5
Abril.....	62,6
Maio.....	89,1
Junho.....	82,2
Julho.....	100,4
Agosto.....	91,6
Setembro.....	109,2
Outubro.....	132,8
Novembro.....	83,0
Dezembro.....	104,9
Total.....	1.278,1 (REITZ; KLEIN, 1963. p. 21)

Após a conclusão do Relatório do Estudo de Projeto de Prevenção e Mitigação de Desastres da Bacia do Rio Itajaí, em 2011, novas enchentes ocorreram na região, principalmente as cheias de 2011 e 2023.

Na enchente de 2023 a chuva atingiu o nível de 13,8 metros⁵⁷, em Rio do Sul, o segundo maior da série histórica, ocasionando o transbordamento da barragem Oeste, agravando as áreas dos municípios de Taió, Rio do Oeste, Laurentino, Agronômica, Rio do Sul e Lontras.

⁵⁷ Dados da Secretaria da Proteção e Defesa Civil (ESTADO DE SANTA CATARINA, 2023).



Barragens do Alto Vale do Itajaí⁵⁸

IA (OPENAI, 2025)

⁵⁸ Dados do Estudo Preparatório para o Projeto de Prevenção e Mitigação de Desastres da Bacia do Rio Itajaí. Síntese das características das barragens de contenção da Bacia do Rio Itajaí (ESTADO DE SANTA CATARINA, 2011, cap. 3. p. 5-6) (ilustração).

Em 1958, o escritor Salomão Serebrenick, no trabalho encomendado pelo Departamento Nacional de Obras de Saneamento - DNOS, com o título “O Clima do Vale do Itajaí”, publicou na Revista Brasileira de Geografia os dados da enchente de outubro de 1954, no Rio Itajaí, destacando o excesso de chuvas para aquele período, que atingiu 77% em Ituporanga, 61 % Rio do Sul, 55% Ibirama, 44 % Trombudo e 32 % em Taió:

ENCHENTE DE OUTUBRO DE 1954 NO RIO ITAJAÍ				
LOCALIDADES	Altura normal da chuva em outubro	Chuva caída em outubro de 1954	EXCESSO	
			Em mm	Em %
Taió	132,2	174,3	42,1	32
Trombudo	152,4	219,3	66,9	44
Timbó	135,5	230,5	95,0	70 (*)
Rio do Testo	155,6	271,8	116,2	75 (*)
Rio do Sul	132,8	213,8	81,0	61
Luiz Alves	157,1	263,0	105,9	68
Jaracá	117,3	221,6	104,3	89 (*)
Ituporanga	124,9	221,4	96,5	77 (*)
Indaial	145,0	253,0	108,0	75 (*)
Ibirama	131,0	201,7	70,7	55
Barracão	126,6	228,9	102,3	80 (*)
Benedito Novo	150,4	198,4	48,0	32
Arrozeira	135,3	219,8	84,5	63
Apiuna	127,4	253,5	126,1	100 (*)
Blumenau	142,6	211,2	68,6	48
Brusque	153,6	274,7	121,1	80 (*)

Tabela de normais pluviométricas da enchente de 1954 no Rio Itajaí⁵⁹

Outros dados apresentados pelo escritor Salomão Serebrenick, na Revista Brasileira de Geografia de 1958, indicam informações sobre o período do volume de chuvas, para o município de Itajaí, entre 1923 a 1925 e 1928 a 1935; Blumenau, entre 1910 a 1937 e 1940 a 1942; Brusque, entre 1911 a 1942 e no Alto Vale do Itajaí, entre 1941 a 1956, o que não justificaria o subdimensionamento das barragens do Alto Vale do Itajaí, como aponta a conclusão do Estudo Preparatório para o Projeto de Prevenção e Mitigação de Desastres da Bacia do Rio Itajaí de 2011.

⁵⁹ Revista Brasileira de Geografia. Chuvas e enchentes (SEREBRENICK, S., 1958. p. 48).

AS 132 ENCHENTES

Em carta que Fritz Müller escreveu à sua irmã Rosa, 6 de janeiro de 1853 (SILVA, J. F., 1974. outubro. p. 172).

Carta de Ferdinand Hackradt (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 20).

O relatório do Dr. Blumenau, relativo ao ano de 1862 consigna o fato da seguinte forma: "O fim de setembro e os meses de outubro e novembro foram excessivamente úmidos e caindo chuvas torrenciais, os rios constantemente se conservam muito altos e sobrevieram enchentes que, com intervalo de um mês se sucedera no de outubro, foi muito forte" (SILVA, J. F., 1974. outubro. p. 202).

Em julho de 1868 houve pequena enchente. O mês foi muito chuvoso, por três vezes o Garcia transbordou cobrindo, ponte. Por essa informação do "Diário da Colônia" e tendo fotos da ponte referida, sobre o Ribeirão Garcia, podemos concluir que essa enchente alcançou nível não superior a 7,0 metros (SILVA, J. F., 1974. outubro. p. 204).





Nesse ano, a 4 de fevereiro de 1880, a Lei Provincial n. 860 criou o Município de Blumenau, elevando a sua sede à categoria de Vila. E, enquanto se faziam os preparativos para a eleição dos Vereadores e a instalação da Câmara Municipal, cujo presidente seria o executor das decisões desta, sobreveio a maior enchente do Itajaí Açu de que se tem registrado (SILVA, J. F., 1974. novembro. p. 222).

A 30 de outubro, nova pequena enchente. As águas subiram 5 metros (2 braças e meias). Segundo o "Blumenauer Zeitung", de 3 de novembro seguinte, essa fora a quinta vez no ano que o rio alcançara essa altura (SILVA, J. F., 1974. dezembro. p. 254).

Em novembro houve uma nova enchente. O rio ultrapassou as margens. Ignoramos outros detalhes (SILVA, J. F., 1974. dezembro. p. 254.)

10 de maio. Mal haviam se passado quinze dias da última cheia, novamente o rio Itajaí Açu transbordou, pregando um grande susto à população. O "Blumenauer Zeitung" diz que essa foi a maior enchente depois da de 1880. Não há notícia do nível alcançado pelas águas. As partes mais baixas da Colônia ficaram submersas (SILVA, J. F., 1974. dezembro. p. 256).



Diário de Francisco Frankenger
outubro/1891:
06/10 - 3ª. Coberto, chuvoso, en-
chente cerca de 5 metros. Oh pobre,
não penses que os ricos não estejam
sem cruz (FRANKENBERGER, F.,
1890 -1900. p. 2).

junho
1891

1891
outubro

Não se pode, por enquanto, calcu-
lar quais os prejuízos causados
pelas águas às plantações, pontes
e estradas, pois não se tem ainda
informações exatas das diversas
partes do município. Estragos enor-
mes sofreu a ponte de Itoupava e
para pô-la novamente em serven-
tia vai levar tempo (...), esta enchen-
te alcançou o nível de 13m,50, su-
ficiente para incalculável prejuízos
não só na Vila, como por todo o in-
terior da Colônia (SILVA, J. F.,
1974. dezembro. p. 256-257).

Diário de Francisco Frankenger
maio/1898:
02/05 - 2ª à noite forte trovoadas,
nublado, coberto. Enchente (nível do
rio) quase 8 mtr (FRANKENBER-
GER, F., 1890 -1900. p. 82).

agosto
1897

1898
maio

Diário de Francisco Fran-
kenberger:
agosto/1897
09/08 - 5ª. Limpo e bonito
com vento-Leste. O buci-
ro em Lontras foi levanta-
do pela enchente (FRAN-
KENBERGER, F., 1890 -
1900. p. 72).

Diário de Francisco Fran-
kenberger:
outubro/1899
24/10 - 3ª coberto, nubla-
do, à noitinha e de noite
violenta trovoadas. Para-
mos 2 dias no Rio do Bu-
gres devido à enchente
FRANKENBERGER, F.,
1890 -1900. p. 102).

setembro
1899

1899
outubro

Diário de Francisco Frankenger:
setembro/1899
16/09 - Sá neblinoso, claro, nubla-
do com vento-sudoeste. Deixei a car-
roça com Christen devido à enchen-
te (FRANKENBERGER, F., 1890 -
1900. p. 101).

Outra enchente de grandes proporções verificou-se em fins de maio de 1900. A cidade ficou submersa nas suas zonas baixas. Muitas casas também foram invadidas pelas águas. As comunicações com o interior ficaram completamente interrompidas (...) (SILVA, J. F., 1974. dezembro. p. 258).

Terça, quarta e até quinta-feira à noite (3, 4 e 5) choveu torrencial e continuamente. As águas do Itajaí Açu invadiram as casas ribeirinhas, inclusive em algumas ruas da cidade. Os jornais afirmam que foi a maior enchente dos últimos cinco anos. "Desde cinco anos atrás até hoje não tivemos uma cheia tão alta, quando, antes, quase ano após ano tivemos enchentes, mais ou menos altas". Os dados dos jornais da época não nos autorizam a algum cálculo sobre a altura atingida pelas águas (SILVA, J. F., 1974. dezembro. p. 258)

Depois de alguns dias de chuvas torrencias, a 20 de junho deste ano, o rio Itajaí alcançou o nível mais alto depois da grande enchente de 1911. Segundo o "Der Urwaldsbote", a rua principal (rua São Paulo) desde a firma Seibt & Stange (pouco adiante da ponte sobre o Ribeirão da Velha) até a propriedade do Dr. Sappel (proximidades da Praça Fritz Müller) parecia um verdadeiro mar, completamente submersa (...) (SILVA, J. F., 1974. dezembro. p. 260).

Jornal "Der Urwaldsbote" (O Mensageiro da Floresta).



19 de outubro - Pequena enchente. Causou muitos prejuízos aos agricultores. Principalmente em Rio do Teste, onde as águas ultrapassaram o seu leito natural, invadindo plantações, muitas das quais ficaram completamente imprestáveis. Em Wunderwald, destruiu e carregou o seu moinho de milho. O mês de dezembro foi excessivamente chuvoso, principalmente nas duas primeiras semanas. Os ribeirões, no interior da Colônia, ultrapassando os respectivos leitos, submergiram as plantações, estragando-as. Pontes e canais foram destruídos (SILVA, J. F., 1974. dezembro. p. 258).



Enchente de Blumenau em 1911⁶⁰
IA (OPENAI, 2025)

Nova enchente do Itajaí-Açu verificou-se neste ano, pouco mais de dois meses após a pavorosa calamidade do começo de outubro (...) (SILVA, J. F., 1974. dezembro. p. 259).

⁶⁰ Rua XV de Novembro, em frente ao Hotel Freygang (...) (SCHMIDT-GERLACH et al., 2019. p. 590).

14 de janeiro nova enchente. Ruas foram submersas pelas águas do Itajaí Açu e as comunicações com o interior da Colônia foram interrompidas. Pelo interior do município trombas d'água fizeram transbordar violentamente os ribeirões (...) (SILVA, J. F., 1975. janeiro. p. 16).

(...) Pela manhã de quarta-feira, grande parte de Blumenau transformou-se num verdadeiro mar. As águas foram subindo até a noite. Este foi, segundo o testemunho dos jornais da época, a maior enchente depois da de 1911 e uma das maiores depois da de 1880. Uma terça parte da cidade ficou submersa. Em Rio do Sul as águas alcançaram o nível de 10,30 metros e ali também muitas residências ficaram debaixo d'água (...) (SILVA, J. F., 1975. janeiro. p. 17).

Em meados de agosto houve nova enchente. Embora as águas tivessem alcançado nível pouco inferior à de maio e junho, causaram grandes prejuízos à lavoura e inundaram algumas ruas da cidade. As comunicações com Itoupava e Rio do Sul e demais pontos da região serrana, também estiveram interrompidas por dias (SILVA, J. F., 1975. janeiro. p. 18).



12 de maio, depois de longo período de seca, chuvas torrenciais e contínuas desabaram sobre todo o Vale do Itajaí. Ainda no dia 13 de manhã podia-se ver fora d'água a prainha da Ponta Aguda. Mas logo depois o rio passou a subir rapidamente, fazendo prever o pior. Por todo o interior da Colônia caíram verdadeiras trombas d'água, agravando sempre mais a situação (...) (SILVA, J. F., 1975. janeiro. p. 15).

Na última semana de setembro nova enchente do Itajaí Açu causou grandes apreensões à população blumenauense. Fortes temporais precederam ao transbordamento do grande rio e dos seus tributários (...). Verificou-se que o rio Hercílio foi o maior responsável por essa enchente (...) (SILVA, J. F., 1975. janeiro. p. 16).

Nos últimos dias de maio domingo de pentecostes, segunda e terça-feira seguinte depois de alguns dias de chuva; o Itajaí Açu transbordou, inundou parte da cidade nas regiões mais baixas, mas sem atingir muitas residências (...) Telegramas de Rio do Sul anunciavam que ali as águas haviam subido em 12 horas 8,20 m (SILVA, J. F., 1975. dezembro. p. 18).

A 16 a 17 de setembro, nova cheia que alcançou a cota de 10,00 metros inundando várias ruas da cidade e estradas do interior, interceptando as comunicações de pedestres e veículos entre bairros do Garcia, do Bom Retiro, de Itoupaiva Central e Massaranduba. Desceu da região do Rio Hercílio (SILVA, J. F., 1975. janeiro. p. 18-19).

O ano começou com fortes aguaceiros e verdadeiras trombas d'água caíram sobre várias regiões da Colônia, fazendo transbordar riachos e ribeirões. Em janeiro e fevereiro vários temporais atemorizaram a população, pela sua violência. Em fevereiro o ribeirão Garcia e seus afluentes alcançaram alto nível. O Itajaí também chegou à cota de 6,70 m (SILVA, J. F., 1975. janeiro. p. 19).

Setembro 13/15 - Nova enchente depois de chuvas torrenciais durante alguns dias. As águas alcançaram o nível de 10,65 m. Ruas alagadas. Comunicações com o interior interrompidas. Prejuízos no interior da Colônia e em várias residências da cidade. Rio do Sul e Rio do Oeste foram também grandemente prejudicados. O Rio Hercílio, entretanto, apesar de grandemente engrossado pelas águas, manteve-se dentro do leito. Isso, possivelmente, evitou maior cheia em Blumenau (...) (SILVA, J. F., 1975. janeiro. p. 19-20).



4 de outubro. Nova enchente após alguns dias de chuva persistente. As águas atingiram o nível de 11,30 m, segundo "Der Urwaldsbote". Outras fontes dão a altura dessa enchente como sendo 10,90 m. O fato é que as águas atingiram, além das ruas mais baixas, a rua 15 de novembro entre as atuais ruas Nereu Ramos e Marechal Floriano, a rua São Paulo, Barão do Rio Branco e Duque de Caxias. A primeira cota é a mais provável (SILVA, J. F., 1975. p. 20).

(...) No começo de outubro, seguinte, depois das águas terem baixado consideravelmente, novas chuvas torrenciais caídas nas regiões do Rio Oeste, das cabeceiras do Benedito e dos Cedros, tornaram a engrossá-lo, de sorte que, a 2 de outubro o rio atingia o nível de 9,20 m. Felizmente, não passou disso (SILVA, J. F., 1975. janeiro. p. 20).

Outra considerável enchente ocorreu a 24/25 de novembro. As águas do Itajaí Açu alcançaram nível pouco mais alto que o da enchente anterior 10,80 m. Alagando diversas ruas da cidade, interrompendo as comunicações entre os vários bairros. Canoas transportando pedestres nas ruas Atiradores, Rio Branco, Alameda da das Palmeiras, Praça Fritz Müller parte das ruas São Paulo e suas transversais. Os prejuízos no interior da Colônia foram grandes (SILVA, J. F., 1975. janeiro. p. 21).



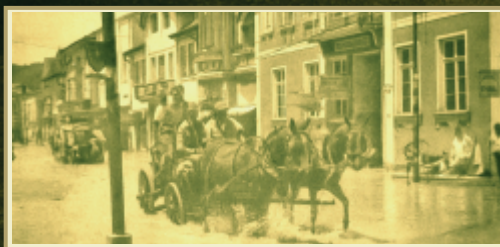
De 1º a 3 de agosto de 1943, novamente o Itajaí Açu em decorrência de prolongadas chuvas em toda a região, deixou o leito e suas águas invadiram várias ruas da cidade. Como das demais vezes, os poderes públicos providenciaram canoas e bateiras para o transporte de moradores das ruas inundadas. As comunicações com os municípios vizinhos ficaram interrompidas (...). Nesta enchente as águas alcançaram o nível de 9,80 m segundo jornais da época (...) (SILVA, J. F., 1975. janeiro. p. 21).

16 a 17 de maio. Nos dias anteriores, chuvas torrenciais castigaram todo o Vale do Itajaí. As águas do grande rio e seus inúmeros afluentes e confluente, engrossaram tremendamente, transbordando e inundando os vales, inutilizando as plantações, inundando e até mesmo cobrindo as moradias nos lugares mais baixos. Foi uma enchente que igualou a de junho de 1928. Naquela ocasião as águas atingiram a cota de 11,46 m e desta vez a marca atingida, foi de 11,40 m (...) (SILVA, J. F., 1975. janeiro. p. 22).

31 de outubro - Mais uma vez o Itajaí Açu, deixando as suas margens, inundou as regiões mais baixas do Vale do Itajaí. Diversas ruas da cidade de Blumenau ficaram submersas por várias horas e diversas residências foram atingidas pregando um grande susto à população. As águas atingiram nível mais alto que o de 1950, 9 metros (...) (SILVA, J. F. 1975. janeiro. p. 22).



1º de fevereiro. Apesar de menor que a anterior, pois as águas não foram além da cota de 8,80 m. Mesmo assim, várias famílias tiveram suas casas inundadas e os prejuízos causados às lavouras e ao comércio do Vale do Itajaí foram numerosos e bem elevados (SILVA, J. F., 1975. janeiro. p. 21).



Enchente de Blumenau em 1950⁶¹

IA (OPENAI, 2025)

A 17 de outubro verificou-se nova enchente do Itajaí Açu. Felizmente, as águas, depois de invadirem as ruas, mais baixas da cidade, alcançaram a cota máxima de 8,80 m igualando-se, assim, essa cheia como verificada em 1939 (...) (SILVA, J. F., 1975. janeiro. p. 22).

⁶¹ Rua XV de Novembro, Blumenau, SC. Memória Digital: Enchente 1950 (FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU).

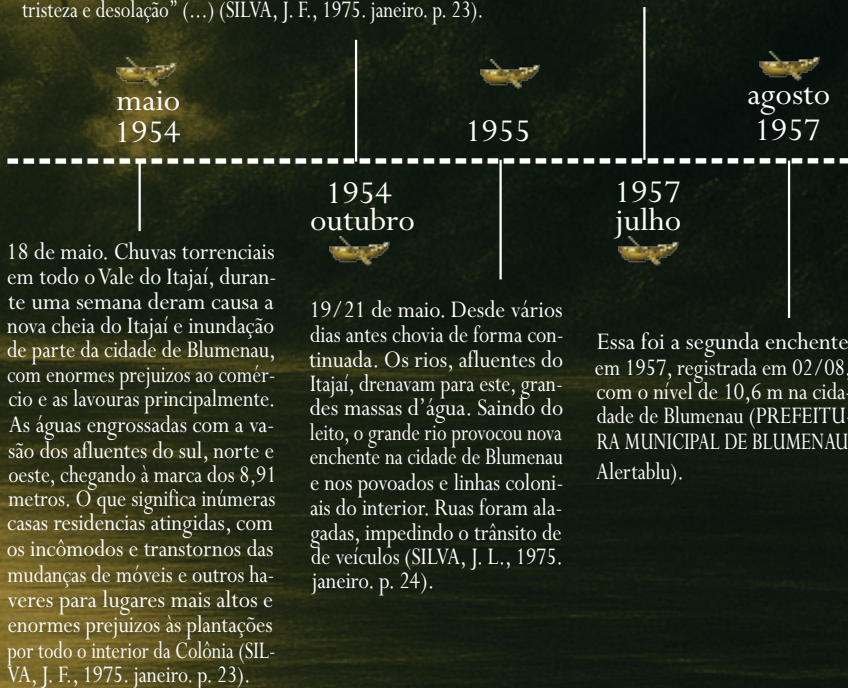


Enchente de Blumenau em 1954⁶²

IA (OPENAI, 2025)

Nesse mesmo ano, a 22 de outubro, Blumenau ficou castigada duramente por uma segunda enchente, bem maior que a anterior. (...) Um jornal da época escrevia: "Blumenau vive, no momento, horas de tristeza e desolação" (...) (SILVA, J. F., 1975. janeiro. p. 23).

O ano de 1957 foi de constantes e grandes sobressaltos da população blumenauense em consequência de várias cheias do Itajaí-Açu. A semana de 17 a 24 de julho foi de chuva incessante por toda a região do Vale do Itajaí. O serviço de controle da Usina do Salto acusava um nível d'água de 12,60 m o que dava para o centro urbano a cota de 8,60 m (...) (SILVA, J. F., 1975. janeiro. p. 24).



⁶² Rua XV de Novembro, Blumenau, SC. Memória Digital: Enchente 1954 (FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU).

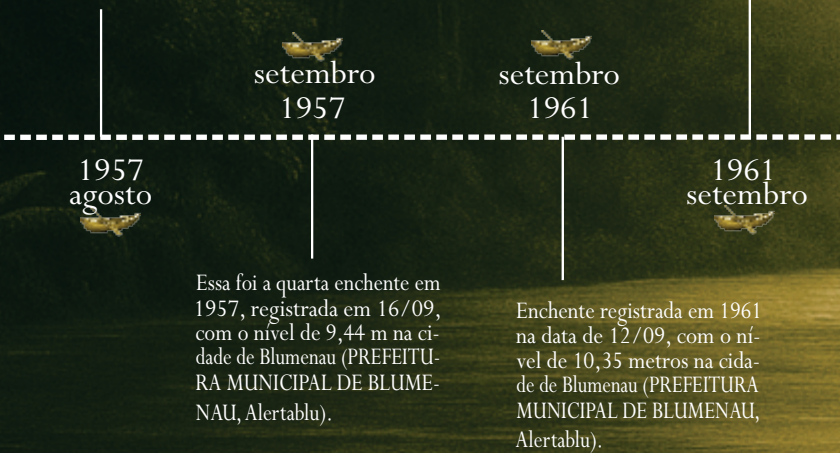


3ª enchente de Blumenau em 1957⁶³

IA (OPENAI, 2025)

Era um sábado como qualquer outro na vida do Vale do Itajaí. A folhinha marcava 18 de agosto de 1957, uma data que iria, horas depois, ficar para sempre gravada na memória dos habitantes desse pequeno Nilo catarinense (...) (O CRUZEIRO, 1957. ed. 48. p. 47).

Essa foi a segunda enchente do mês de setembro de 1961, registrada em 30/09, com o nível de 9,63 m na cidade de Blumenau (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, Alertablu).



⁶³ Foto de Badaró Braga. O Cruzeiro : Revista (RJ) - 1928 a 1985 (O CRUZEIRO, 1957. ed. 48. p. 47).

Enchente registrada em 1962 na data de 09/09, com o nível de 8,94 metros na cidade de Blumenau (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, Alertablu).

Segunda enchente registrada em 1962 na data de 21/09, com nível de 9,29 metros na cidade de Blumenau (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, Alertablu).

Enchente registrada em 1963 na data de 29/09, com o nível de 9,67 metros na cidade de Blumenau (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, Alertablu).

novembro
1961

1962
setembro

1962
setembro

1963



Vinte e cinco mil pessoas desabrigadas, vinte mortos, algumas dezenas desaparecidos, plantações de fumo, cana-de-açúcar, milho, feijão e trigo completamente perdidas, fábricas destruídas, doenças, fome, isolamento (...) (O CRUZEIRO, 1957. ed. 7. p. 168).

Enchente de Blumenau em 1961⁶⁴

IA (OPENAI, 2025)

⁶⁴ Foto de Sergio Matulevicius. O Cruzeiro : Revista (RJ) - 1928 a 1985 (O CRUZEIRO, 1957. ed. 7. p. 169).

Enchente registrada em 1966
na data de 13/02, com o ní-
vel de 10,07 metros na cida-
de de Blumenau (PREFEITU-
RA MUNICIPAL DE BLUME-
NAU, Alertablu).

1966



Enchente registrada em 1967
na data de 18/02, com o ní-
vel de 10,5 metros na cidade
de Blumenau (PREFEITURA
MUNICIPAL DE BLUMENAU,
Alertablu).

1967



Enchente registrada em 1969
na data de 06/04, com o ní-
vel de 10,14 metros na cida-
de de Blumenau (PREFEITU-
RA MUNICIPAL DE BLUME-
NAU, Alertablu).

1969



Enchente registrada em 1971
na data de 09/06, com o ní-
vel de 10,35 metros na cida-
de de Blumenau (PREFEITU-
RA MUNICIPAL DE BLUME-
NAU, Alertablu).

abril
1971



Enchente registrada em 1972
na data de 17/08, com o ní-
vel de 10,70 metros na cida-
de de Blumenau (PREFEITU-
RA MUNICIPAL DE BLUME-
NAU, Alertablu).

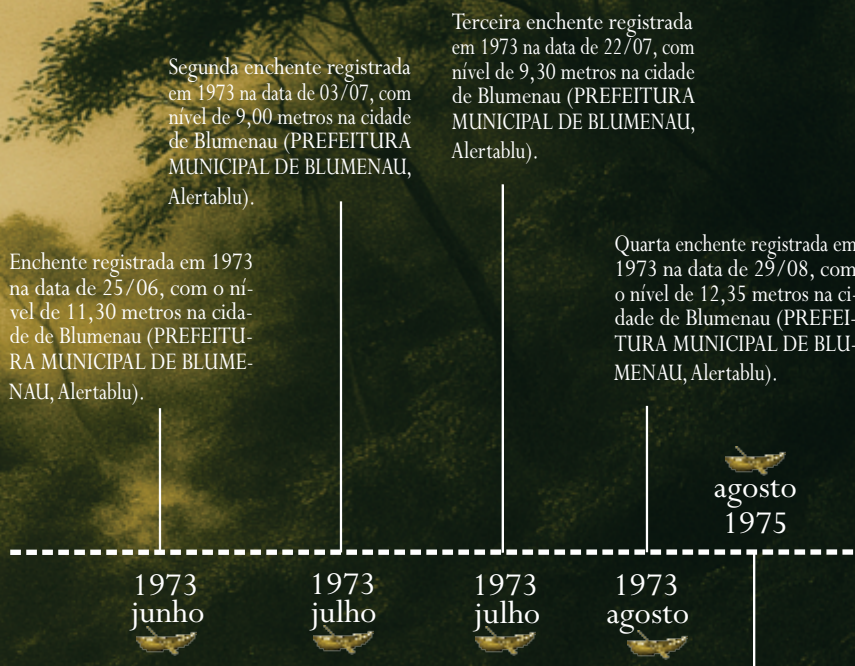
agosto
1972



1972
agosto



Segunda enchente registrada
em 1972 na data de 29/08, com
nível de 11,53 metros na cida-
de de Blumenau (PREFEITURA
MUNICIPAL DE BLUMENAU,
Alertablu).



Enchente de Blumenau em 1975⁶⁵

IA (OPENAI, 2025)

⁶⁵ Acervo iconográfico: enchente Blumenau, 1975 (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA).



Enchente de Ituporanga em 1977 ⁶⁶
IA (OPENAI, 2025)

⁶⁶ Acervo iconográfico: enchente Ituporanga, 1977 (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA).

Segunda enchente registrada em 1977 na data de 18/08, com nível de 9,15 metros na cidade de Blumenau (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, Alertablu).

1977
agosto

dezembro
1978

Enchente registrada em 1979 na data de 10/05, com o nível de 9,45 metros na cidade de Blumenau (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, Alertablu).

1979
maio

Segunda enchente registrada em 1979 na data de 09/10, com nível de 10,45 metros na cidade de Blumenau (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, Alertablu).

1979
outubro

Enchente de 26 de dezembro de 1978, na Rua São Paulo, Praça Fritz Müller, Blumenau (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA).



Enchente de Blumenau em 1978⁶⁷
IA (OPENAI, 2025)

⁶⁷ Acervo iconográfico: enchente Blumenau, 1978 (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA).

Enchente registrada em 1980 na data de 31/07, com o nível de 8,40 metros na cidade de Blumenau (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, Alertablu).

Enchente registrada em 1982 na data de 15/11, com o nível de 8,65 metros na cidade de Blumenau (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, Alertablu).

Enchente registrada em 1983 na data de 04/03, com o nível de 10,6 metros na cidade de Blumenau (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, Alertablu).



Enchente de Blumenau em 1980⁶⁸

IA (OPENAI, 2025)

Ruas alagadas do município de Blumenau com pessoas caminhando dentro da água. No plano direito consta o edifício da Credireal, ao fundo a Caixa Econômica Federal e a Yamaha (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA).

⁶⁸ Acervo iconográfico: enchente Blumenau, 1980 (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA).



Enchente de Blumenau em 1983⁶⁹

IA (OPENAI, 2025)

A enchente de 83 deixou 65 mortos e 300 mil desabrigados. O sofrimento e os prejuízos foram gerais (BARRETO, A. B., 2003, p. 41.)



maio
1983



setembro
1983

1983
julho



Segunda enchente registrada em 1983 na data de 20/05, com nível de 12,52 metros na cidade de Blumenau (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, Alertablu).

Quarta enchente registrada em 1983 na data de 24/09, com o nível de 11,75 metros na cidade de Blumenau (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, Alertablu).

⁶⁹ Fonte: Arquivo Histórico de Blumenau (FRANK; SEVEGNANI, 2008. p. 47).



Enchente de Blumenau em 1984⁷⁰

IA (OPENAI, 2025)

Enchente registrada em 1984 na data de 07/08, com o nível de 15,46 metros na cidade de Blumenau (PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU, Alertablu).



⁷⁰ Acervo iconográfico: enchente Blumenau, 1984 (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA).



Enchente de Ilhota em 2008⁷¹

IA (OPENAI, 2025)

As chuvas torrenciais no segundo semestre de 2008 marcaram a vida dos moradores de Ilhota. No dia 23 de novembro os ribeirões tornaram-se rios e as encostas encharcadas não aguentaram e cederam (PREFEITURA MUNICIPAL DE ILHOTA, 2008).



⁷¹ Arquivo: Prefeitura Municipal de Ilhota, 2008 (PREFEITURA MUNICIPAL DE ILHOTA, 2008).



Enchente de Rio do Sul em 2011⁷²
IA (OPENAI, 2025)

⁷² Rua Oscar Barcelos, Rio do Sul, SC (REDAÇÃO ND, 2011).



Barragem de Ituporanga em 2015⁷³

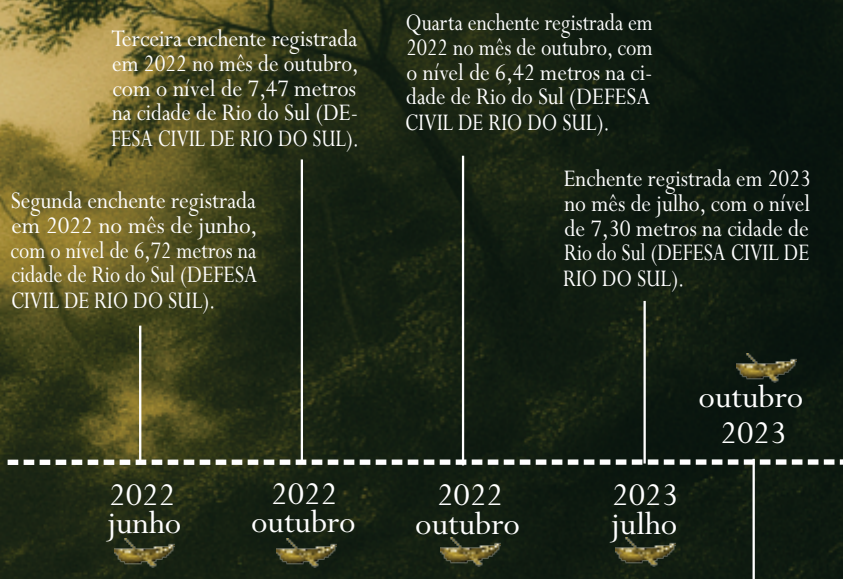
IA (OPENAI, 2025)

Chuva SC: barragem de Ituporanga transbordou às 12h. Às 16h, a ocupação estava em 117,2% (CALDAS, J., 2015).



⁷³ Arquivo: Larissa Vier/RBSTV - G1/SC (CALDAS, J., 2015).





Enchente de Rio do Oeste em 2023⁷⁴
IA (OPENAI, 2025)

⁷⁴ Arquivo: Jean Rossa/Defesa Civil de Rio do Oeste/Divulgação/ND (CERIN, L., 2023).



Enchente de Trombudo Central em 2023⁷⁵
IA (OPENAI, 2025)

Poucas pessoas vão esquecer o dia 17 de novembro. Às 17h o Rio Trombudo atingiu 8,71 metros. A maior enchente que Trombudo Central tem registro (PREFEITURA MUNICIPAL DE TROMBUDO CENTRAL, 2023).

⁷⁵ Arquivo: Prefeitura Municipal de Trombudo Central (PREFEITURA MUNICIPAL DE TROMBUDO CENTRAL, 2023).



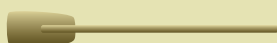
Enchente de Rio do Sul em 2024⁷⁶

IA (OPENAI, 2025)

(...) Nesta semana, o município decretou situação de emergência devido a cheia do rio Itajaí-Açu no último sábado (18), causando alagamentos e a saída de famílias de suas casas em pelo menos 10 bairros da cidade (ZIEKUHR, B., 2024).



⁷⁶ Arquivo: Rafael Dell Antônia/Reprodução/ND (ZIEKUHR, B., 2024).



CONSTRUA EM ÁREA LIVRE
DE ENCHENTE

Santa Catarina
Do reconhecimento ao retrocesso

O estado de Santa Catarina foi reconhecido nacionalmente a partir do Deputado Federal Artenir Werner (Arena-SC)⁷⁷, autor de uma das mais importantes leis ambientais do País, que alterou de 5 para 30 metros de largura a área de preservação permanente de rios com até 10 metros de largura, apresentando o Projeto de Lei em 1980, antes mesmo da ocorrência das duas maiores enchentes que atingiram a bacia do Itajaí, em 1983 e 1984, sendo promulgada em 1986 (Lei nº 7.803/1986).

Após 39 anos, o Estado voltou a ganhar repercussão nacional, desta vez pelo retrocesso ambiental, por meio da iniciativa do Deputado Federal Rogério Peninha Mendonça (MDB-SC)⁷⁸ autor da Lei nº 14.285/2021, promulgada em 2021, que permite à administração municipal delimitação de áreas de preservação permanente, delegando aos planos diretores, e às leis municipais de uso do solo a responsabilidade de delimitação das faixas marginais de qualquer curso de água natural. Na prática, essa lei permite que as áreas de proteção permanente no perímetro urbano e nas regiões metropolitanas seja definida pelas prefeituras municipais.

⁷⁷ Mandatos na Câmara dos Deputados: Deputado Federal - 1979-1983, SC, ARENA. Deputado Federal - 1983-1987, SC, PDS. Deputado Federal - (Constituinte), 1987-1991, SC, PDS (CÂMARA DOS DEPUTADOS FEDERAIS).

⁷⁸ Mandatos na Câmara dos Deputados: Deputado Federal - 2011-2015, SC, PMDB. Deputado Federal - 2015-2019, SC, PMDB. Deputado Federal - 2019-2023, SC, MDB (CÂMARA DOS DEPUTADOS FEDERAIS).

Artenir Werner 

Relato sobre a Lei nº 7.803/1986

Em 2020, numa audiência⁷⁹ entre a diretoria da Associação Ambientalista Pimentão e a 4ª Promotoria de Justiça da Comarca de Rio do Sul, em Rio do Sul, o ex-deputado federal Artenir Werner relatou aos presentes que foi o autor da Lei nº 7.803/1986, e que, em 1980, no seu primeiro mandato como deputado federal, apresentou o Projeto de Lei para a ampliação das faixas das Áreas de Preservação Permanente - APPs:

“Quando eu cheguei em Brasília, prometi a minha mãe Leontina que apresentaria um projeto de lei para ampliar a faixa da área de preservação dos rios. O motivo da minha iniciativa como parlamentar estava relacionado às pescarias que eu e minha mãe fazíamos nas margens do rio Itajaí-Açu em Rio do Sul. Com o passar dos anos, percebíamos que os proprietários dos terrenos das margens do rio construíam cada vez mais próximo do mesmo, retirando a mata ciliar para edificar casas e garagens”.

⁷⁹ Audiência para a criação da Reserva Particular do Patrimônio Natural Parque das Borboletas no Bairro Progresso em Rio do Sul - PORTARIA nº 104 /2022 – IMA/SC, de 25.05.2022.

Rogério Mendonça (Peninha)
Câmara dos Deputados Federais⁸⁰

Na página do site da Câmara dos Deputados Federais, com o tema Meio Ambiente e Energia, na data de 04 de setembro de 2019, o deputado federal Rogério Mendonça (Peninha), falou ao jornalista Ralph Machado sobre o Projeto de Lei nº 2.510, de 2019, que transfere aos municípios a competência sobre a distância da faixa de proteção dos cursos naturais hídricos do país.

“O projeto determina que, em áreas urbanas, as faixas marginais de qualquer curso d’água natural que delimitem o trecho de passagem de inundação terão largura determinada por normas municipais. A ideia, disse o deputado, é corrigir inadequação do Código Florestal, que fixa limites de APP iguais para zonas rurais e urbanas e admite intervenção ou supressão de vegetação nativa somente nas hipóteses de utilidade pública, de interesse social ou de baixo impacto ambiental”.

“Ocorre que em tais hipóteses não se enquadram diversas situações muito frequentes em áreas urbanas, tais como construções privadas e públicas próximo a encostas e a cursos ou corpos d’água”, afirmou Mendonça. “Em razão disso, administradores municipais se encontram em situação desconfortável, pois são constantemente questionados pelo Ministério Público”.

⁸⁰ Site www.camara.leg.br: Meio Ambiente e Energia. Projeto permite alteração de APP em área urbana por plano diretor e lei de uso do solo (CÂMARA DOS DEPUTADOS FEDERAIS).

O conhecimento

Dados históricos e estudos de impactos ambientais

O papel da formação socioespacial da região tem favorecido, ao longo da história, a concentração dos assentamentos humanos em áreas de risco e a exploração predatória dos recursos naturais, gerando agravamentos nas enchentes, associados ao desmatamento, à erosão e ao assoreamento, comprometendo, inclusive, as possibilidades de desenvolvimento regional. O fenômeno das enchentes, por meio das combinações desses fatores, assume características de um problema socioambiental e estes pressupostos foram apontados na análise dos impactos destrutivos das inundações de 1983, 1984 e 1992 (FRAGA, N. C., 2003. p. 166).

Todo desastre resulta da combinação entre dois conjuntos de variáveis: fatores naturais que desencadeiam o desastre e fatores sociais que incubam os impactos do desastre. Para ilustrar as relações entre os agentes naturais e os impactos sociais vamos imaginar o vale do Itajaí antes do processo de ocupação, quando as inundações não se convertiam em desastres porque não havia população humana a ser afetada. Se não existe a eclosão de desastres por inundação sem a ocorrência de chuvas intensas, também não existe a ocorrência de desastres sem uma população humana afetada. Considerando estes fatores podemos caracterizar os desastres, ocorridos no vale do Itajaí, como a materialização dos riscos produzidos pela interação constante de variáveis naturais e variáveis sociais, ao longo do processo de desenvolvimento (FRANK ; SEVEGNANI, 2009. p. 16).

(...) Nos últimos anos, foram registradas 5 enchentes causadoras de danos relativamente significativos: julho de 1983, agosto de 1984, maio de 1992, outubro de 2001 e novembro de 2008. Analisando por município, os danos mais significativos causados pela inundação aconteceram no município de Blumenau, e também foram relativamente grandes nos municípios de Itajaí, Gaspar e Rio do Sul. Estes 4 municípios possuem grande número de população e indústrias e podem ser considerados como cidades prioritárias para a adoção das medidas contra as enchentes (...) (ESTADO DE SANTA CATARINA, 2011. estudo preparatório. p. 6).

Os dados disponíveis apontam claramente que a absoluta maioria dos diretamente afetados pelas chuvas extremas são os ocupantes de Áreas de Preservação Permanente, muitos dos quais ocuparam essas áreas após o advento da legislação protetora. Falta planejamento e fiscalização por parte do Poder Público, e remover essa legislação não resolve o problema do risco ao qual esses moradores estão submetidos e agravará enormemente tais tragédias no futuro, caso mais construções sejam admitidas nessas áreas ambientalmente frágeis e de alto risco (ASSOCIAÇÃO DE PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E DA VIDA, 2021. nota técnica. p. 10).

Construa em área livre de enchente 🚧
Campanha publicitária no Alto Vale do Itajaí

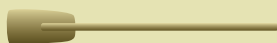
A campanha publicitária “Construa em área livre de enchente” é uma parceria entre a Associação Ambientalista Pimentão e a 4ª Promotoria de Justiça da Comarca de Rio do Sul. Usando uma linguagem provocativa, a mensagem visa questionar aqueles que insistem em permanecer ou investir em áreas afetadas pelas cheias.



* Imagens usadas na campanha “Construa em Área Livre de Enchente”

Construa
em área livre
de
enchente





REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA NACIONAL DE AVIAÇÃO CIVIL - ANAC. “Pé - FT” Medidas usadas em meios marítimos e aeronáuticos. Brasília, Brasil. Disponível em <https://www2.anac.gov.br/anacpedia>. Acesso em 10 set. 2025.

ALVES, D. B. História & Historiografia: Cartas dos irmãos Weise publicadas nos jornais da Turingia. Blumenau em Cadernos. Tomo XLI, nº 11/12. Novembro/dezembro de 2000.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA - APESC. Acervo iconográfico: enchentes. Florianópolis. Disponível em <http://www.acervo.arquivopublico.sc.gov.br>. Acesso em 21 out. 2025.

ASSOCIAÇÃO DE PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE E DA VIDA - APREMAVI. Nota Técnica: Áreas de Preservação Permanente (APP) em Zonas Urbanas. Atalanta, 2021. Disponível em <http://www.apremavi.org.br>. Acesso em 25 out. 2025.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Dinheiro no Brasil/ Banco Central do Brasil. - 2. ed. Brasília: BCB, 2004. Disponível em <http://www.bcb.gov.br>. Acesso em 10 set. 2025.

BARRETO, Antônio Bascherotto. 1983 - A Grande Enchente. Blumenau em Cadernos. Blumenau. Tomo XLIV, nº 7/8. Julho/Agosto de 2003.

BAUMGARTEN, Christina Elisa. Sua Majestade o Itajaí-Açú: memórias, histórias e heranças de um rio. Blumenau: HB, 2008.

BIBLIOTECA DIGITAL DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA. Autores. Giovanni Battista Ramusio, Delle Navigationi et Viaggi (1556). São Paulo. Universidade de São Paulo. 2004. Disponível em <http://www.cartografiahistorica.usp.br>. Acesso 16 ago. 2025.

BIBLIOTECA DIGITAL DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA. Mapas. Giovanni Battista Ramusio, Delle Navigationi et Viaggi (1556). São Paulo. Universidade de São Paulo. 2004. Disponível em <http://www.cartografiahistorica.usp.br>. Acesso 18 ago. 2025.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL DO BRASIL. Colônia Blumenau: povoações. 1969. Disponível em https://www.objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon580506/icon580506.jpg. Acesso em 08 set. 2025.

BLOGOSLAWSKI, Ilson Paulo Ramos. A Escola Alemã no Alto Vale do Itajaí: Colônia Matador, Bella Aliança - 1892 - 1930. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina.

BOITEUX, Lucas Alexandre. O Rio Itajaí - O Desvendamento da Costa, Mapas e Portulanos do tempo, Nomenclatura litorânea, Morfologia do nome. Blumenau: Blumenau em Cadernos. Tomo I - n°. 02. Fundação Casa Dr. Blumenau, 1957.

BOITEUX, Lucas Alexandre. Os primeiros moradores do Itajaí. Blumenau: Blumenau em Cadernos. Tomo I - n° 03/Fundação Casa Dr. Blumenau, 1958.

BOITEUX, Lucas Alexandre. Os Rios Itajaí Grande e Itajaí-Mirim. Blumenau: Blumenau: Blumenau em Cadernos. Tomo II - N°03/Fundação Casa Dr. Blumenau, 1959.

BULL, Vanessa Nicoceli. Hermann Blumenau: uma experiência de colonização em Santa Catarina (1846-1884). Curitiba. UFPR, 2014. Dissertação Mestrado em História. Universidade Federal do Paraná.

CALDAS, Joana. G1/SC, Em Rio do Sul, rio Itajaí-Açú transborda e alaga 22 dos 25 bairros. Florianópolis, 22/10/2015. Disponível em <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/em-rio-do-sul>. Acesso em 23 out. 2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS FEDERAIS. Biografia. Deputados Federais. Brasília. Disponível em <https://www.camara.leg.br/deputados/biografia>. Acesso em 25 out. 2025.

CÂMARA DOS DEPUTADOS FEDERAIS. Meio Ambiente e Energia. Brasília. Disponível em <https://www.camara.leg.br/deputados/meioambeiteeenergia>. Acesso 11 de set. 2025.

CATÁLOGO DAS ARTES . Artista Bernhard Wiegandt. Alemanha. Disponível em <https://www.catalogodasartes.com.br/artista/Bernhard%20Wiegandt/>. Acesso em 11 set. 2025.

CERIN, Luciano. ND MAIS. Notícia meio ambiente: Pequena cidade do Alto Vale lança licitação de R\$ 10 milhões para obras contra enchentes. 2023. Blumenau. Disponível em <https://www.ndmais.com.br/meio-ambiente/pequena-cidade-do-alto-vale-rio-do-oeste-lanca-licitacao-de-r-10-milhoes-para-obras-contr-enchentes/>. Acesso em 24 out. 2025.

CUNHA E SILVA, Laércio; MELLO, Roberto de Faria. Anuário de Itajaí de 1959. Rio de Janeiro: O Cooperador, 1959.

DAGNONI, Catia; WARTHA, Rodrigo. Rio do Sul em Imagens: da colonização à emancipação político-administrativa - 1892-1931. News Print. Rio do Sul, 2011.

DECHAMPS, Mariana Luiza de Oliveira. Na trilha das estradas: a vida cotidiana e o trabalho da Colônia Blumenau (1850-1880): Florianópolis. UFSC, 2015. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.

DEEKE, José. O município de Blumenau e a historia de seu desenvolvimento. Tradução Edith Sophia Eimer. Blumenau : Nova Letra, 1995.

DEFESA CIVIL DE RIO DO SUL. Enchentes na história de Rio do Sul. Rio do Sul. Disponível em <https://www.defesacivil.riodosul.sc.gov.br>. Acesso em 23 set. 2025.

DOMINGUES, Francisco Contente; CASTRO, Felipe Vieira; PEREIRA, Jose Manuel Malhao; PISSARRA, Jose V.; FERREIRA, Nuno Martins; GODINHO, Rui Landeiro. Navios, Marinheiros e Arte de Navegar, 1500-1668. Academia de Marinha, Lisboa. 2012.

ESTADO DE SANTA CATARINA. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Acervo. Florianópolis, 1983. Disponível em <https://acervo.arquivopublico.sc.gov.br/uploads/r/arquivo-publico-do-estado-de-santa-catarina>. Acesso em 19 de ago. 2025.

ESTADO DE SANTA CATARINA. Estudo Preparatório para o Projeto de Prevenção e Mitigação de Desastres na Bacia do Rio Itajaí. Relatório Final. Relatório Principal - Parte 1, capítulo 3. Florianópolis, 2011.

ESTADO DE SANTA CATARINA. Relatórios dos presidentes - Época do Império, 1844 (Antero Jozé Ferreira de Brito).

ESTADO DE SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Proteção e Defesa Civil. Boletim dos níveis de enchente em 2023. Florianópolis, SC. Disponível em <http://www.defesacivil.sc.gov.br>. Acesso em 10 de out. 2025.

FRAGA, Nilson Cesar. Clima, gestão do território e enchentes no Vale do Itajaí-SC. Biblioteca Digital UNEPS. Terra Livre. São Paulo. Ano 19 - vol. I. n. 20. p. 159-170 jan/jul. 2003.

FRAGA, Nilson Cesar; KÖHLER, Vera Beatriz. As enchentes no Vale do Itajaí-Açu, SC: das obras de contenção a indústria da enchente. Boletim de Geografia. 17: 81-92 (1999). Departamento de Geografia. Universidade Estadual de Maringá. Maringá, PR.

FRANK, Beate; SEVEGNANI, Lucia. Desastre de 2008 no Vale do Itaiaí. Água, gente e política / organização: Beate Frank e Lucia Sevegnani; colaboração: Carla Caroline Tomaselli – Blumenau: Agência de Água do Vale do Itaiaí, 2009.

FRANKENBERGER, Francisco. Diário de Francisco Frankenger. 1890 -1900. Arquivo Público Histórico de Rio do Sul. Coleção de Dossiê Alto Vale do Itaiaí.

FLORIANO, Magru. A Fundação de Itaiaí: Historiografia anotada e comentada. 1.ed. Itaiaí: Brisa Utópica, 2018.

FLORIANO, Magru. Itaiaí: uma cidade em busca de seu fundador. Enciclopédia Digital Itaiense. vol I. Terceira edição, revisada, ampliada. Itaiaí: Brisa Utópica, 2018.

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. Legações e embaixadas do Brasil – Brasília: FUNAG, 2021. 608 p. – (Bicentenário: Brasil 200 anos - 1822-2022).

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Acervo Cartografia. Biblioteca Nacional do Brasil. Rio de Janeiro. RJ. Disponível em http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart395872.jpg. Acesso em 17 ago. 2025.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU. Memoria Digital: Enchente 1954. Blumenau, Santa Catarina. Disponível em <https://www.blumenau.sc.gov.br/secretarias/fundacao-cultural>. Acesso em 18 out. 2025.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU. Tschudi, J. J. von – “Reisen durch Süd-Amerika”, de J. J. von Tschudi – Leipzig – F. A. Brockhaus – 1866. Memoria Digital: História de Blumenau. Blumenau, Santa Catarina. Disponível em <https://www.blumenau.sc.gov.br/secretarias/fundacao-cultural>. Acesso em 01 set. 2025.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE RIO DO SUL. Enchentes de Rio do Sul. Arquivo Histórico de Rio do Sul. Rio do Sul. 1983. Disponível em <https://www.fundacaocultural.art.br/gov.br>. Acesso em 23 out. 2025.

FUNDAÇÃO GENÉSIO MIRANDA LINS. Igreja do Santíssimo Sacramento. Arquivo Histórico de Itaiaí. CDMH. Itaiaí. Disponível em <http://www.fgml.itajai.sc.gov.br>. Acesso em 30 de ago. 2025.

GOULART, Maria do Carmo R. K. ILHOTA: Tempos e contratempos. Blumenau. Blumenau em Cadernos. Tomo XXIII, nº 05. Abril de 1982.

GOULARTI FILHO, Alcides. Tropeiros e colonos e a construção da Estrada de Blumenau a Curitiba: dois mundos e um caminho. *História Revista (ON-LINE)*, v. 23. 2018.

KLUG, João; DIRKSEN, Valberto. Rio do Sul: uma história. Rio do Sul: Editora da UFSC, 1999.

MARTINS, Carlos Damião Werner. Memória Catarinense: Primeira sede do grupo Hoepcke, edificação central combina história e funcionalidade. 2019. Disponível em <http://carlosdamiao.wordpress.com>. Acesso em 31 ago. 2025.

MIRANDA, Newton Rodrigues. Breve histórico da questão das terras devolutas no Brasil e dos instrumentos legais de posse sobre esses bens. *Revista do CAAP*. Belo Horizonte, 2011. Número 2. Volume XVII.

MOSIMANN, João Carlos. Catarinenses: Gênese e história. Florianópolis: Edição do Autor, 2010.

MÜLLER, Fritz. Obras, cartas e vida: terceiro volume. A vida de Fritz Müller/Ricardo Bittencourt, Mario Steindel, Marcondes Marchetti (organizadores); traduzido por Selma Rutzen. 1. ed. Blumenau: Edifurb, 2022.

O CRUZEIRO. Revista (RJ) - 1928 a 1985: Itajaí copia o dilúvio. Rio de Janeiro, 1957. ed. 48. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em 19 out.2025.

O CRUZEIRO. Revista (RJ) - 1928 a 1985: Santa Catarina - Dilúvio no Vale do Itajaí. Rio de Janeiro, 1961. ed. 7. Hemeroteca Digital Brasileira. Disponível em <https://memoria.bn.gov.br>. Acesso em 19 out.2025.

OKUNEVA, Olga. Ensaio sobre o mapa Brasil de G. Gastaldi pertencente ao Delle navigationi e viaggi. de G. B. Ramusio (1556; 1565; 1606). *Terra Brasilis [Online]*, 2 | 2013. Disponível em <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.715.15>. Acesso em 16 de ago. 2025.

OPENAI (2025), ChapGPT. Imagens realistas das ilustrações e fotografias. Disponível em <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.715.15>. Acesso em 30 de ago. 2025.

PIAZERA, Guilherme; OLIVEIRA, Juares Inácio; LIPPEL, Taciane. Alto Vale do Itajaí: o vale dos papagaios. 1. ed. Laurentino, 2023.

PIAZZA, Walter F. A colonização de Santa Catarina. 3.ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

PELUSO JR., Victor A. Tradição e plano urbano: cidades portuguesas e alemãs no estado de Santa Catarina. Contribuição ao 2º Congresso Nacional de Folclore. Florianópolis: Comissão Catarinense de Folclore, 1953.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU. Enchentes Registradas no Município de Blumenau. Defesa Civil de Blumenau (Alertablu). Disponível em <https://www.alertablu.blumenau.sc.gov.br>. Acesso em 02 set. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ILHOTA. Notícia: catástrofe de novembro de 2008. Ilhota, 2008. Disponível em <https://www.ilhota.sc.gov.br>. Acesso em 23 de out. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LAURENTINO. Município: fotos históricas. Laurentino. Disponível em <https://www.laurentino.sc.gov.br>. Acesso em 23 de out. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TROMBUDO CENTRAL. Trombudo Central registra a maior enchente da sua história. Trombudo Central, 2023. Disponível em <https://www.trombudocentral.sc.gov.br/trombudo-central-registra-a-maior-enchente-da-sua-historia>. Acesso em 25 de out. 2025.

REDAÇÃO ND. ND MAIS. Notícias: mais fotos de enchente em Rio do Sul, 2011. Disponível em <https://www.ndmais.com.br/mais-fotos-da-enchente-em-rio-do-sul/>. Acesso em 23 out. 2025.

REITZ, P. Raulino; KLEIN, Roberto M. O Reino Vegetal de Rio do Sul. Blumenau em Cadernos. Blumenau. Tomo VI, nº 08/12. Ago/Dez de 1963. Revista Sellowia. Ano XVI, nº 16 pg. 9-118. Itajaí. 15 de Dezembro de 1964. Herbário Barbosa Rodrigues.

SANTOS, Caio Floriano; MARIMON, Maria Paula Casagrande; TORNQUIST, Carmen Susana. Enchentes na região do Vale do Itajaí e no Município de Itajaí: primeiros relatos e as grandes enchentes. Anuário de Itajaí 2011. Fundação Genésio Miranda Lins. Itajaí: FGML, 2011.

SANTOS, Manoel Pereira Rego Teixeira dos. O imigrante e a Floresta: transformações ambientais, das práticas e da produção rural nas colônias do Vale do Itajaí-SC.

UFSC. Florianópolis. 2011. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História.

SANTOS, Manoel Pereira Rego Teixeira dos. Vida e trabalho na floresta: Uma análise da interação entre imigrantes e a floresta nas colônias do vale do Itajaí e norte de Santa Catarina durante a segunda metade do século XIX: Florianópolis. UFSC, 2004. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina.

SCHMIDT-GERLACH, Gilberto; KADDLETZ, Bruno Kilian; MARCHETTI, Marcondes. Colônia Blumenau no Sul do Brasil. Tomo 1. São José. Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019.

SCHMIDT-GERLACH, Gilberto; KADDLETZ, Bruno Kilian; MARCHETTI, Marcondes. Colônia Blumenau no Sul do Brasil. Tomo 2. São José. Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019.

SEREBRENICK, Salomão. O clima do Vale do Itajaí. Revista Brasileira de Geografia. vol. 20 n° 3. jun/set. 1958. Trabalho preparado para o Departamento Nacional de Obras de Saneamento, através da firma Engenheiros e Economistas Consultores, cuja publicação, neste número, foi devidamente autorizada pelo autor.

SILVA, Carla Fernanda. Grafias da Luz. A Narrativa Visual sobre a cidade na Revista Blumenau em Cadernos: Florianópolis. UFSC, 2008. Dissertação de Mestrado em História.

SILVA, Cristiani Bereta da; CUNHA, Maria Teresa Santos. Histografia Catarinense e a Escrita da História de Lucas Alexandre Boiteux no Início do Século XX. Revista de História da Educação, Pelotas, UFPEL, v 14, n. 2, set./ago. 2015.

SILVA, José Ferreira da. As Enchentes no Vale do Itajaí. Blumenau em Cadernos. Blumenau. Tomo XV, n° 09. Setembro de 1974.

SILVA, José Ferreira da. As Enchentes no Vale do Itajaí. Blumenau em Cadernos. Blumenau. Tomo XV, n° 10. Outubro de 1974.

SILVA, José Ferreira da. As Enchentes no Vale do Itajaí. Blumenau em Cadernos. Blumenau. Tomo XV, n° 11. Novembro de 1974.

SILVA, José Ferreira da. As Enchentes no Vale do Itajaí. Blumenau em Cadernos. Blumenau. Tomo XV, nº 12. Dezembro de 1974.

SILVA, José Ferreira da. As Enchentes no Vale do Itajaí. Blumenau em Cadernos. Blumenau. Tomo XVI, nº 01. janeiro de 1975.

SILVA, José Ferreira da. As terras do Itajaí Mirim e Vasconcelos de Drummond. Blumenau em Cadernos. Tomo VI, nº 04. Abril de 1963.

SILVA, José Ferreira da. Blumenau 150 anos de fundação: História de Blumenau. Blumenau em Cadernos. Tomo I, nº 11. Novembro de 1957.

SILVA, José Ferreira da. Itajaí, cem anos de município. Blumenau em Cadernos. Tomo III. nº 06. Junho de 1960.

SILVA, José Ferreira da. Os rio Itajaí-Grande e Itajaí-Mirim - Descritos por Van Le-de. Blumenau em Cadernos. Tomo II, nº 03. Março de 1959.

SILVA, J. R. N. da. Etnomatemática: abordagem dos diversos tipos de unidades e sua utilização no sertão alagoano: Maceió. UFA, 2016. Dissertação de Mestrado em Matemática. Universidade Federal de Alagoas.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP. A Biografia Científica: Charles Darwin e a formação de uma teoria. Portal de Revistas da USP. Arquivo n. 12, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2447-2158.i12p82-105>. Acesso em 13 de set. 2025.

VIEIRA, Luiz Henrique. Os cartões oitocentistas na construção da identidade social do retratado e da identidade profissional do fotógrafo: Belo Horizonte. UFMG, 2019. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Minas gerais, Escola de Belas Artes.

VOIGT, André Fabiano. Imigrantes entre a cruz e a espada: Imigração alemã, confissão religiosa e cidadania no Vale do Itajaí (1847-1863): Florianópolis. UFSC, 1999. Dissertação de Mestre em História, Programa de Pós-graduação em História.

VOIGT, Lucas. Memória e consagração social: as estratégias de elites empresariais “alemãs” no Sul do Brasil / Lucas Voigt. 2022. 338 f. Orientador: Karl Martin Monsma. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

WILDNER, Roberto. Navegadores e exploradores em Santa Catarina: de 1525 a 1839, Retratos em Selos. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 1992.

ZIEKUHR, Bruna. ND MAIS. Tempo: Rio do Sul enfrenta 2ª enchente em menos de uma semana; rio Itajaí-Açu aumentou 2 metros. Blumenau, 2024. Disponível em <https://www.ndmais.com.br/tempo/rio-do-sul-enfrenta-2a-enchente-em-menos-de-uma-semana-rio-itajai-acu-aumentou-2-metros/>. Acesso em 24 out. 2025.



IA (OPENAI, 2025)



Juarez Inácio de Oliveira

Engenheiro químico e escritor de obras regionais. Possui graduação em Engenharia Química pela FURB (1992). É sócio-fundador da Associação Ambientalista Pimentão.



Robson Carlos Avi

Biólogo e professor. Possui graduação em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (2009) e mestrado em Biologia de Fungos, Algas e Plantas pela UFSC (2012). Doutorando em Desenvolvimento Regional pela FURB.

Itajaí
RIO
DAS
VOLTAS





Juarez Inácio de Oliveira
Robson Carlos Avi



Rio Itajaí das Voltas